MIL QUADRAS POPULARES BRASILEIRAS

(Contribuição
ao
Folk-Lore)

POR

Carlos GÓES

F. BRIGUIET e Cia
Editores
RIO DE JANEIRO

HAROLD B. LEE LIBRARY
BRIGHAM YOUNG UNIVERSITY
PROVO, UTAH

Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
Brigham Young University

http://www.archive.org/details/milquadraspopula00gisc

MIL QUADRAS

Populares Brasileiras

M
1689.3
.G64
M54
1916

MIL QUADRAS

Populares Brasileiras

(CONTRIBUIÇÃO AO FOLK-LORE)

Recolhidas e prefaciadas

POR

Carlos GÓES

CATHEDRATICO DO GYMNASIO MINEIRO

MEMBRO DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

BACHAREL EM SCIENCIAS JURIDICAS E SOCIAES, ETC.

RIO DE JANEIRO

F. BRIGUIET E Cia, EDITORES

23, RUA SACHET, 23

—

1916

HAROLD B. LEE LIBRARY
BRIGHAM YOUNG UNIVERSITY
PROVO, UTAH

ANTELOQUIO

Fazia-se sentir entre nós, como subsidio ao estudo do *folk-lore* brasilico, uma collectanea selecta de quadras populares e anonymas, d'essas que espontam no travar diuturno do povo e ficam a assignalar-lhe a indole e o temperamento.

A edição das *Mil Trovas populares portuguezas* recolhidas por Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira (obra cuja acolhida e divulgação se inferem de tres ediçôes já exgottadas) suggeriu-nos tentar junto ao nosso *folk-lore* o que os auctores portuguezes lograram com tamanho exito junto ao romanceiro lusitano. Fomos animados até do intuito de, num certo particular, levar esta nossa obrinha vantagem á d'aquelles : naquella era omissa a região d'onde tal ou qual quadra fôra originaria, e as quadras estavam dispostas por forma que, a quem as conhecesse previamente, difficil se antolhava o precisar o ponto do livro onde se localizavam. Abalançámo-nos por isso, tanto quanto possi-

vel, a indicar ao leitor o Estado do Brasil ou a classe individual d'onde irrompera o fragmento da poesia popular, — e assim é que figuram neste volume quadras dos Estados de Minas Geraes (estas formando quasi um terço do total, pela razão de ser o Estado onde hoje temos o nosso habitat), Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Piauhy, Sergipe, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Parahyba, Goyaz, e da classe de Ciganos do bairro da Cidade Nova do Rio de Janeiro, e algumas de uso nos jogos e canticos da Infancia. Só deixámos de marcar a procedencia em se tratando de quadras cuja origem não nos foi dado elucidar ou d'aquellas que correm todo o Brasil, sendo ouvidas indifferentemente ao Norte e ao Sul. Outrosim ordenámos as quadras por seriação alphabetica, de modo a facilitar aos amadores do genero as buscas e consultas, — alem de que essa forma offerecia certa analogia com o tradicional A B C, poesia popular muito em voga no sertão, em a qual se registam vinte e cinco quadras, iniciada cada qual por uma letra do alphabeto na ordem que lhe compete.

E de justiça salientar as fontes a que recorremos para a feitura d'este trabalho. A maior parte do livro é inedita, e outra, pouco menor, é reeditada de publicações anteriores.

Para a parte inedita forneceram-nos valiosos subsidios os seguintes prestantes senhores, cujo nome nos corre o dever de gravar no frontispicio d'este volume como preito de gratidão ao inestimavel serviço de que nos foram credores: Franklin Cabrito Teixeira de Salles, morador no Municipio do Rio das Velhas, d'este Estado; Aldo Delfino, nosso illustre confrade da Academia Mineira, que por algum tempo residiu na curiosa e legendaria cidade de Diamantina, Abilio Machado e Abilio Barreto, distinctos belletristas hoje domiciliados na capital, mas nados no interior do Estado; Milton Prates, academico, natural do Norte de Minas; o professor Manoel Ambrosio cuja obra inedita *Cantares do Rio São Francisco* compulsámos no Archivo Mineiro, *data venia* de seu então director o insigne poeta e nosso amigo Augusto de Lima; o talentoso poeta Da Costa e Silva que nos forneceu todas as quadras originarias do Piauhy, seu Estado natal.

Quanto ás quadras reeditadas abeberámonos ás seguintes fontes: *Conferencia de Waldomiro Silveira* realizada em São Paulo; *Annuario de Minas*, de Nelson de Senna; *Cancioneiro do Norte*, de J. Rodrigues de Carvalho; *Festas e Tradições Populares do Brasil e Cantares Brasileiros*, de Mello Moraes Filho; *Os*

nossos brinquedos, de Alexina Magalhães Pinto. Deixámos de recorrer á obra monumental do maior folk lorista do Brasil, o notavel mestre Sylvio Romero, *Cantos populares do Brasil* por tratar-se de obra sobejamente conhecida.

A poesia popular, a par das lendas, dos costumes, das abusões, da giria, sendo um dos muitos esgalhos d'esse tronco annoso que é o *folk-lore* — é uma das faces atravez a qual se pode perquirir o typo ethnico de um povo.

Está averiguado que o nosso folk-lore é um amalgama dos ritos e tradições das tres raças em que se fundiu a nossa nacionalidade : o portuguez, representativo do colonizador de antanho, do forasteiro que varava os nossos sertões, sequioso de conquista, de ambição e de lucro ; o aborigene, representativo do autochtone, do homem pristino da região que estava sendo desbravada pela Civilização ; o africano, representativo do braço escravo, do elemento jungido á cultura forçada da gleba e da leira.

Em cada uma d'estas raças gemia uma saudade ; cada uma carpia o seu fado, todos se ralavam de angustia e pesar. O portuguez deplorava a ausencia de seu torrão natal onde deixara ficar mãe, pae, irmãos, avós, a par das reminiscencias indeleveis de seu berço e de sua infan-

cia; o indio clamava a Tupan contra o esbulho de suas terras, contra a apropriação de seus senhorios, contra a invasão do homem branco que o ia dizimando com suas armas mais apu. radas e mortiferas, e o deslocava das brancas areias do mar para os trilhos escusos do alto sertão; o negro chorava o seu eterno apartamento da Africa, evocando a vida nomade que antes usufruira no seio da liberdade, a sua cubata, a sua roça, a sua prole, a sua progenie, e imprecava a sua sorte de agora, forçado á condição degradante e humillima de servo.

E cada raça trazia a sua bagagem herdada de antigos ritos e tradições: o portuguez exsurdido da edade medieval, o aureo periodo do romantismo cavalheiresco, tinha o seu repertorio de xacaras, rondós e romances onde decantava os fastos de seus maiores ou os amores picarescos d'aquelle periodo galante; o indio tinha os seus cantos de guerra trovados ao som do maracá e da inubia e os hymnos liturgicos em que os pagés exalçavam o poderio de Tupan; o africano tinha os seus canticos regionaes, barbaros e enfadenhos, quasi sem variantes pela monotonia do mesmo estribilho.

Por tal forma esses tres elementos se agglutinaram que não raro os vemos entresachados numa mesma solfa:

Vamos dar a despedida	*(portuguez).*
Mandú sarará,	*(tupy).*
Como deu o passarinho,	*(portuguez).*
Mandú sarará	*(tupy).*
Você gosta de mim, *Eu gosto de você;* *Si papae consentir,* *O' meu bem,* *Eu caso com você*	*(portuguez).*
Alê, alê, calunga, *Mussungá, mussungá, eh.*	*(africano).*

Foi da fusão d'essas tres raças que se constituiu o typo brasilico, —hybrido pela heterogeneidade de sua mestiçagem, amorpho pela disparidade de um a outro individuo, consoante o producto gestado é mulato, cafuso, mameluco ou branco.

Mas, si o typo physico se resente da falta de uniformidade em virtude do cruzamento de individuos de raças várias, — no typo moral subsiste aquelle fundo hypocondrico de que padeceram todos os nossos ancestraes e que a hereditariedade e o atavismo continuam de fazer perdurar atravez os tempos.

Foi d'esse fundo congenito de melancholia que espontaram a musica e a poesia popular, como os expoentes maximos da sentimenta-

lidade subjectiva. Por isso ha na musica brasileira, na modinha e no lundú, essa toada langue e dolente em que parece que a alma se desfaz em queixas e lamurias, e ha em a poesia popular esse cunho lyrico e passional de uma quasi deliquescencia psychica.

A esse fautor de ordem ethnologica cabe accrescer o fautor mesologico — o nosso clima tropical, tão prompto a enervar e languir, tão facil a acirrar a luxuria e a sensualidade.

A poesia popular portugueza e a poesia popular brasileira têm seus pontos de contacto e affinidade, si bem que prime aquella por forma quiçá mais apurada e escorreita. Ha por isso quadras que pertencem indistinctamente ao folk-lore de uma e outra nação, não se tendo averiguado de qual dos dous paizes a trova constitue uma migração.

Estão neste caso, entre outras, as seguintes :

Todo homem que é casado
Deve ter um pau no canto
Para benzer a mulher
Quando estiver de quebranto.

Esta quadra que vem arrolada sob num. 193 na obra portugueza *Mil Trovas*, foi citada pelo insuspeito e competentissimo Snr. Mello

Moraes Filho em suas *Festas e Tradições populares do Brasil* cuja edição precedeu de muitos annos aquella.

Outra :

Aqui estou na vossa porta
Como um feixinho de lenha,
Esperando p'la resposta
Que de vossa bocca venha.

Esta trova arrolada por J. Rodrigues de Carvalho em o seu *Cancioneiro do Norte* como originaria do Brasil Norte (edição de 1903), registam-na Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira como portugueza em o seu citado repositorio (edição de 1908).

Ainda :

No ventre da Virgem Mãe
Encarnou Divina Graça ;
Entrou e sahiu por ella
Como o sol pela vidraça.

(*Mil Trovas portuguezas*, pag. 42, *Prefacio* e num. 562, pag. 141).

No ventre da Virgem Pura
Entrou a Divina Graça ;
Como entrou tambem sahiu,
Como o sol pela vidraça.

(*Cancioneiro do Norte*)

J. Rodrigues de Carvalho, pag. 194; trova cantada em Aracaty (Ceará) por um « sertanejo de chapeo de couro ». Roiz. de Carvalho adduz ainda o seguinte commentario : « Esta genial concepção encontra-se em um notavel poeta latino; e não é crivel que simples matuto analphabeto e bronco tivesse a caprichosa habilidade de transportal-a para a musa do povo. Aqui é uma d'essas coincidencias proprias das creações dos cerebros privilegiados ».

Ainda :

Dorme, dorme, meu menino,
Que a mãezinha logo vem,
Foi lavar os cueirinhos
A' fontinha de Belem.

(*Mil Trovas*, num. 548).

Dorme, dorme, meu menino,
Que a mãezinha logo vem,
Foi lavar os seus panninhos
Na fontinha de Bethlem.

(*Os meus brinquedos*, de Alexina Magalhães Pinto, edição de 1909, pag. 237 — cantiga de ninar nos Estados de Minas e São Paulo).

Quem tem amores não dorme
Quer de noite, quer de dia,
Dá tantas voltas na cama
Como o peixe n'agua fria. (P.) (1).

(1) P : Portugueza.

Quem tem ciumes não dorme
Nem de noite, nem de dia,
E dá mais voltas na cama
Do que o peixe n'agua fria. (B.) (1).

Fui á fonte beber agua
Debaixo da flor da murta;
Foi só por ver os teus olhos,
Que a sêde não era muita. (P.)

Fui na fonte beber agua
Debaixo da flor de murta :
Foi só p'ra ver os teus olhos
Que a sêde não era muita. (B.)

(Esta variante brasileira colhêmol-a dos labios de respeitavel senhora mineira).

Outras ha que, apezar de certa discrepancia de forma, offerecem tanta similhança de fundo com outras similares portuguezas que necessariamente são variantes de um mesmo etymo. Confrontem-se :

O padre quando namora
Sempre põe a mão na c'rôa ;
Namora, padre, namora,
Que o senhor tudo perdoa. (P.)

(1) B : Brasileira.

Brasileira (Estado do Piauhy, segundo o testemunho dos auctores piauhyenses Clodoaldo de Freitas e Da Costa e Silva) :

O padre quando diz missa
Passa a mão pela corôa ;
Namora, padre, namora,
Quem namora Deus perdoa. (B.)

Mandei fazer um relogio
Das pernas de um carangueijo,
Para contar os minutos
Do tempo que te não vejo. (P.)

Mandei fazer um relogio
Da casca do carangueijo
Para contar os minutos
Das horas que não te vejo. (B.)

Meninas, não façam caso
Si a cantiga fôr errada ;
Tambem o bom caçador
Atira, não mata nada. (P.)

Si erro nessas cantigas
Não é para admirar :
O melhor atirador
Erra um passaro no ar. (B.)

Ha duas coisas no mundo
Que eu não posso comprehender

Irem padres p'ró inferno
E os cirurgiões morrer. (P.)

Ha duas cousas no mundo
Que dão confusão na gente :
E' padre ir para os infernos
E doutor ficar doente, (B.)

O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou :
O amor que tu me tinhas
O anel o demonstrou. (P.)

O anel que tu me déste
Era vidro e se quebrou :
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou. (B.)

Tu de cá e eu de lá
Passa o rio pelo meio :
Passa-me tu na algibeira
Que eu te passarei no seio. (P.)

Vancê de lá, eu de cá,
Ribeirão passa no meio ;
Vancê de lá dá um suspiro,
Eu de cá suspiro e meio. (B.)

Se eu morrer e tu morreres
Enterramo-nos ambinhos ;

Muito ha de ter que ver
Numa campa dous anginhos. (P.)

Yayá, você quer morrer ?
Si morrer, morramos juntos.
Eu quero ver como cabem
Numa cova dois defuntos. (B.)

Quem tem amores vae dormir
A' porta do seu amor ;
Das pedras faz cabeceira,
Das estrellas, cobertor. (P.)

Quem quer bem dorme na rua
Na porta de seu amor ;
Faz das pedras travesseiro,
Das estrellas, cobertor. (B.)

Menina, se quer saber
Como agora se namora,
Metta o lencinho no bolso,
Deixe a pontinha de fora. (P.)

Perguntei ao beija-flor
Como é que se namora :
« Põe o lenço na algibeira,
Deixa a pontinha de fóra. » (B.)

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões,

Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões. (P.)

O' pinheiro que dás pinha,
O' pinha que dás pinhão,
Quem possue amor tem zelos,
Quem tem zelos tem paixão. (B.)

Toda a menina bonita
Não devia de nascer;
E' como a pera madura,
Todos a querem comer. (P.)

Mulatinha bonitinha
Não devia de nascer :
E' como a fructa madura
Que todos querem comer. (B.)

Sabia tanta cantiga,
Todas o vento levou;
Só a do meu amorzinho
No coração me ficou. (P.)

As cantigas que eu sabia
Todas o vento levou :
Só uma de meu bemzinho
Na memoria me ficou. (1ª variante.) (B.)

Todo verso que eu sabia
Veio o vento e carregou;

Só amar e querer bem
Na memoria me ficou. (2ª variante). (B.)

Trago no meu coração
Duas escamas de peixe :
Uma me diz que te ame,
Outra me diz que te deixe. (P.)

Dentro de meu peito tenho
Duas espinhas de peixe :
Uma me diz que te ame,
Outra me diz que te deixe. (B.)

Tenho tosse no cabello,
Dor de dentes no cachaço ;
Amargam-me as sobrancelhas,
Não vejo nada de um braço. (P.)

Tou com catarrho na unha,
Dor de dente no cachaço,
Não vejo das sobrancelhas,
Não enxergo d'este braço. (B.)

Carta, vae onde te eu mando,
Que uns lindos olhos vaes ver;
Carta, põe-te de joelhos
Quando te forem a ler. (P.)

Carta, vae onde eu te mando,
Carta, não erres a porta,

Carta, põe-te de joelhos
E espera pela resposta. (B.)

Rapazes e raparigas,
Vêde lá por onde andais;
Que a honra é peor que o vidro,
Si quebra, não pega mais. (P.)

Thereza, segura a honra,
Tem cuidado com Thomaz,
Pois a honra é como o vidro,
Quebrando não solda mais. (B.)

Pinheiro, dá-me uma pinha,
Pinheiro, dá-me um pinhão;
Menina, dá-me os teus olhos
Que eu dou-te o meu coração. (P.)

Pinheiro, me dá uma pinha,
Pinha, me dá um pinhão;
Morena, me dá um beijo
Que eu te dou meu coração. (B.)

Tenho fome, tenho sêde,
Mas não é de pão nem vinho;
Tenho fome de um abraço,
Tenho sêde de um beijinho. (P.)

Tenho sêde, tenho fome
Não de carne, nem de vinho;

Tenho fome de um abraço,
Tenho sêde de um carinho. (1ª variante) (B.)

Tenho fome, tenho sêde
E você não adivinha:
Tenho fome de um abraço
E sêde de uma boquinha. (2ª variante.) (B.)

Podiamos adduzir mais exemplos, mas a lista é já de si eloquente á força de ser longa.

Confrontando-se uma e outra quadra das que deixámos assignaladas, como apurar a sua procedencia? Emigraram do Brasil para Portugal ou de Portugal para o Brasil? Uma e outra migração é acceitavel de vez que é basta e continua a emigração de Portugal para o Brasil e, sendo commum o idioma, é possivel tenham os Portuguezes introduzido muitas das quadras de sua musa popular, as quaes, affeiçoando-se ao nosso meio, acabaram por se deturpar e corromper. Por seu turno não é menos curial que as quadras portuguezas que assignalámos sejam corruptelas das nossas, porquanto em fins do seculo 18 e principio do seculo 19 a *modinha* brasileira, introduzida em Portugal pelos Brasileiros que se deslocavam áquellas plagas, foi acceita com arroubado enthusiasmo pelo escol da população, diffundindo-se aquelle genero de musica alienigena (inclusive a letra do canto, quasi

sempre uma quadra e redondilha) pelos salões mais aristocraticos da Côrte. Com a vinda de dom João VI ao Brasil a comitiva que o acompanhava, patenteou mais de uma vez o conhecimento que trazia de Alem Mar dos nossos lundús e das nossas trovas. Accresce que o comediographo brasileiro Antonio José ampliou de muito a área onde se fazia amada e praticada a nossa musa poetica pois, intercalando modinhas em suas *operas* e comedias, permittiu que as mesmas (que antes se circumscreviam aos salões) se democratizassem, diffundindo-se então pelo povo. Outro tanto se deve ao mulato Caldas Barbosa em suas celebres cantatas em Cintra, ao som da viola.

E'no interior do paiz, no seio das classes rusticas, longe do bulicio convencional e ceremonioso das grandes cidades, — onde mais intensamente floresce a poesia popular. Quem se internar no sertão do Brasil verá, na razão directa da distancia dos grandes centros populosos, expandir-se a alma do povo em expressões rythmicas de um cunho poetico espontaneo, subitaneo, flagrante. Só quem, como nós, já assistiu de viso aos descantes ao som da viola e do violão, poderá aquilatar do grau de fluencia e espontaneidade que jorra da musa po-

pular. Homens e mulheres, dotados de uma instrucção incipiente, sinão analphabetos e broncos, improvisam com uma tal leveza e naturalidade, com um tal desprendimento do que por ahi se chama « fórma, cstylo e quejando », que alma e coração lhes aflue á bocca, e já não é a voz que trova, mas o espirito imponderavel e incorporeo de sua emotividade subjectiva.

No interior do Brasil a musica, a dança e o canto integram o concerto eurythmico das *funcções*. A musica é sempre ao som da viola e do violão, — o dulçuroso instrumento por cujas cordas retesadas guaia e soluça de rastras a alma simplice do troveiro, como se as cordas do instrumento fossem as proprias fibras de seu coração. Effectivamente nenhum outro instrumento se casa com tanta paridade ao tom mellifluo da nossa modinha como o langoroso e repinicado violão. A modinha nasceu para o violão, o violão foi predestinado a ser da modinha! Um e outro se casam como se casam duas vidas num mesmo destino, como se casam duas boccas num mesmo beijo como se casam dous corpos num mesmo amplexo! A dança é, por seu turno accionada ao impulso do accento musical: é uma dança volteada e requebrada, ás vezes sapateada, com ondulações dos quadris e ás vezes com umbigadas em que de leve se topam

os corpos, — e tudo feito candidamente, sem o mais leve travo de malicia, sem o menor proposito licencioso e impudico.

Catiras, fandangos, sambas, batuques, paulistas, cateretês (tudo sob a denominação generica de *funcção* ou *folia*), — taes são os passos choreographicos, acompanhados de canto e musica, com que os sertanejos do Brasil recreiam a alma e os sentidos em seus jogos de sala e de terreiro.

Eis como Waldomiro Silveira, o eximio conhecedor d'estes assumptos, as descreve e pormenoriza :

« São cantigas de dança, cantada por dois folgazões que a tiram : formam-se duas alas fronteiras de caboclos, todos de chapeo na cabeça e calçados. Bem calçados é o que se exige, porque o melhor do fandango é a rija alternação do sapateado e das palmas. Ha uma technica especial para similhante dança : a quadra que antecede ao encerramento ou pelenga é o verso de encabeçar. Quando a moda é longa, cantam-se apenas as duas primeiras linhas de cada quadra, uma oitava acima do encerramento, desce-se-lhe á primeira estrophe, cantam-se as duas linhas derradeiras da quadra, e então é que a moda vae levada até a final. Primeiro battem-se as palmas prolonga-

damente e em cadencia, depois ha o sapateado forte e extenso. Os parceiros vão-se approximando, quasi que se topam, trançam entre os da primeira fileira e voltam. Recomeça o palmeio e o sapateado : com tanta violencia, porem, que bastas vezes o assoalho se parte sob os tações de algum dançador mais cumba. »

A viola é inseparavel do caboclo : para onde quer que se desloque, vae com elle a viola, parte integrante de sua vida e de sua alma. A viola, a faca apparelhada e a mangoara (1) — eis os tres objectos que formam a bagagem portatil do sertanejo aventureiro e nomade. Com a faca o caboclo pica e apara o fumo de rôlo, amacia e distende a palha e prepara o cigarro ou o cachimbo em cujas baforadas se esquece contemplativamente. Com a mangoara apercebe-se contra os maus encontros do caminho ; um cachorro que o acommette ou um inimigo que o espera de frente para uma lucta decisiva. Com a viola o caboclo, quando de pouso no rancho, sob o ceo colmado de estrellas, relembra saudades de sua terra, de sua amada e de sua gente : as cordas gemem, a voz alça-se-lhe no descampado, inflam-lhe as veias do pescoço no esforço de elevar o canto e contraem-se-lhe

(1) Cacête.

espasmodicamente as fibras do coração, retesadas ou afrouxadas consoante a systole ou diastole de sua affectividade.

Os maiores insultos que se podem assacar a um caboclo são chamar-lhe medroso, negar que seja um bom instrumentista no violão ou reputar feia a toada de seu canto. Então o caboclo tresvaria, ademenla-se e só a lucta decisiva até á morte pode resgatar o insulto. (Quando promotor de justiça em comarca do Sul de Minas, pudemos verificar que mais de um terço dos processos-crime eram derivados de rixas e conflictos originarios de *folias*, onde se punham em duvida os meritos do tocador ou se menosprezava a sua cantata ou tocata).

A maior satisfação que experimenta o troveiro do sertão é ter a sua viola *enfeitada*. Cada fita que pende da cauda da viola é um tropheo de victoria. Ha-as de todas as cores: vermelhas, amarellas, azues, verdes, brancas consoante o gosto da offertante. A offertante é sempre uma de suas apaixonadas ou admiradoras.

A preoccupação maxima da mulher sertaneja é que seu filho venha a ser eximio violeiro. Então, ao nascer-lhe o filho, logo que a mãe pode lobrigar-lhe no casco da cabeça uma lendea ou piolho, quebra-o com sonoro estalido

na caixa do violão para que de futuro venha a ser seu filho um « tocadô bão » (Norte de Minas).

Por isso o troveiro exalça a viola como sua irmã congenita, como consocia inseparavel de seus destinos :

Quando pisei neste mundo
Foi de viola na mão,
Cantando meu choradinho,
Dançando numa funcção.

Não menos dignos de registo neste ligeiro e despretencioso commento são os *côcos* ou *porfias*. Tal se chamam os cantos ao desafio, sempre de improviso, entre dous cantadores de nomeada que acontece encontrarem-se na mesma funcção. Um lança a primeira quadra que contem quasi sempre uma pergunta de difficil resposta ; o outro retruca, e assim, successivamente pela noite adiante, até que um dos parceiros venha a calar-se, dando-se por vencido. Não raro fica indecisa a prova, pois um e outro se decidem a proseguir, no que são obstados pelo dia que alvorece e os vem advertir da *tarefa* (trabalho).

Vale a pena de citar alguns fragmentos d'esse genero :

(P.)[1] *Do coqueiro nasce o palmito*
E do palmito nasce a palma ;
Quero que responda em verso
Quem entrou no ceo sem alma.

(R.)[2] *Si do coqueiro nasce a palma*
E da palma nasce o palmito,
Quem entrou no ceo sem alma.
Foi a cruz de Jesus Christo.

(P.) *E' de deveràs, meu mano,*
Bonito vou lhe falá :
Quero que vancê me diga
Quantas pintas tem cocá [3].

(R.) *E' de deveras, meu mano,*
Bonito vou lhe falá :
Pinta branca, pinta preta,
Cada uma em seu logá.

(P.) *E' de deveras, meu mano,*
Bonito vou lhe falá :
Quero que vancê me diga
Quantas pintas tem gambá.

(R.) *E' de deveras, meu mano,*
Bonito vou lhe falá :

(1) P : Pergunta.
(2) R : Resposta.
(3) Gallinha d'Angola.

Uma na ponta do rabo,
Outra na volta da pá.

(P.) *Quatro paus, quarenta galhos,*
Cada galho com seu ninho;
Senhor cantador de verso,
Quantos são os passarinhos?

(R.) *Quantos são os passarinhos*
Não lhe posso lhe dizer;
Elles todos bem juntinhos
A conta vou lhe fazer.

As vezes, ante a difficuldade de superar o adversario assanham-se os animos e os competidores trocam-se á compita remoques de que transparecem allusões á vida pessoal e ao caracter privado de cada um; então degenera o desafio em scena de pugilato, obstada pela interferencia conciliatoria de partidarios de um e de outro lado.

O estro popular é fecundo em generos e variantes : varias são as suas modalidades, desde o lyrico e passional repassado do romantismo que é caracteristico da raça até ao humoristico e jocoso, que é uma nesga de claro ceo no fundo opaco da taciturnidade da alma popular.

Das quadras lyricas podiamos expor muitas amostras, si não fôra o desejo de reduzir as dimensões d'este prefacio que já vae longo :

A folha da bananeira
De comprida amarellou ;
A bocca de meu bemzinho
De tão doce assucarou.

Batte, batte, coração,
Arrebenta este peito :
Como cabem tantas magoas
Num espaço tão estreito ?

Cegou-me a luz de teus olhos,
Enlouqueceu-me teu beijo ;
Mas — louco — mais eu te adoro,
E — cego — mais eu te vejo,

Chuva que tem de chover
Porque é que está peneirando ?
Amor que tem de ser meu
Porque vem negaceando ?

Chora, violinha, chora,
Chora sem consolação ;
Quanto tu, madeira, choras,
Que fará quem tem paixão ?

Veja-se agora o diametralmente opposto nas seguintes quadras humoristicas :

Compadre, você me diga,
Me diga só de um arranco :
Porque é que gallinha preta
Põe por força ovo branco ?

Eu não fio na mulher
Nem que ella esteja dormindo :
Os olhos estão fechados,
Sobrancelha está bolindo.

Quando eu vim da minha terra
Tinha fama de peão :
Amontei num burro morto
E assim mesmo fui ao chão.

Santo Antonio pequenino,
Mansador de burro bravo,
Vem mansar a minha sogra
Que é levada do diabo.

Um dia de noite escura
Vi um vulto na janella ;
Pensei que era o meu amor,
Era uma gata amarella.

Merecem menção á parte as quadras sentenciosas, onde a sabedoria popular exara maximas e conceitos, como as melhores que por ahi doutrinam os grandes philosophos e moralistas.

De muita gente que existe
E que julgamos ditosa,
Toda a ventura consiste
Em parecer venturosa.

Parece troça, parece,
Mas é verdade patente
Que a gente nunca se esquece
De quem se esquece da gente.

Mente quem diz nesta vida
Muitos males ter soffrido.
Só de um mal a gente soffre
— E' do mal de ter nascido.

Meu mano, meu camarada,
Tudo no mundo é assim :
Commigo ocê fala de outros,
C' outros' cê fala de mim.

Quem tem aza não avôa,
Quem não tem quer avoar ;
Quem tem razão não se queixa,
Quem não tem quer se queixar.

Tambem as ha sensuaes, reçumando a luxuria que caracteriza o povo meridional acirrado em sua concupiscencia pela acção climaterica dos tropicos :

Mulata, minha mulata,
Desconjuncta este quadril,
Que a mulata quando dança
Tira fogo sem fusil.

Morena, minha morena,
Chega tua bocca na minha,
Teu corpo junta c'o meu
Como a faca na bainha.

Ha-as mysticas, de um fundo de contricção religiosa, como si toda a quadra fosse uma prece a evolar-se para Deus :

A vós pedimos, Senhora,
Pelas vossas sete dores,
Rogae a Jesus por nós,
Miseraveis peccadores.

O' Virgem Nossa Senhora,
Cobri-me com vossa capa ;
Aqui 'stòu a vossos pés,
Senhor Bom Jesus da Lapa.

Pedimos a vós, Senhora,
Dona da terra e do mar,
Refrigerio para o corpo,
Graça para vos amar.

Rainha de eterna gloria,
Mãe de Deus doce e clemente,

Dai-nos agua que nos molhe,
Dai-nos pão que nos sustente.

Ao proprio trocadilho não se exime a poesia popular : ella o tem, não como um recurso de estylo ou como a forma intencional de um ornato pinturesco á phrase, tal como o pratica a literatura, mas como o vehiculo directo da propria expressão do pensamento :

Esses olhos têm meninas,
Essas meninas têm olhos ;
Os olhos d'essas meninas
São meninas dos meus olhos.

Lá vae a garça voando
Co' as pennas que Deus lhe deu,
Contando penna por penna
Mais penas padeço eu.

Passarinho, só tu podes
Com pennas viver cantando ;
Eu não posso ser assim,
Com penas vivo chorando.

Sem ter vida, tenho vida,
Vivo, morto vou vivendo ;
Vivendo por ter desejos,
Para cumpril-os, morrendo.

Quem quizer criar amor
P'ra ninguem desconfiar,
Quando olhar não deve rir,
Quando rir não deve olhar.

O povo é o eterno poeta de todas as edades Quantas obras das que mais illustram e elevam uma literatura, não foram inspiradas nesse modelo escoimado de convenções e de artificios, sem outro ornato que a sua propria singellcza, sem outra vestidura que a sua propria nudez? A poesia popular e um phenomeno de derivação subjectiva que se consumma com a causalidade de todos os phenomenos : ha uma relação de causa a effeito do estado d'alma para os fautores ethnicos.

A poesia popular é como a lingua mesma : caminha atravez o tempo e o espaço, perpetua-se de geração a geração, passa de individuo a individuo, corrompe e adultera hoje o etymo de hontem, nunca fixa e immovel, mas sempre instavel e evolutiva.

E, assim como a lingua é o estalão da cultura de um povo, a poesia popular será o indice do seu moral e de seu temperamento : os diversos estados d'alma, os sentimentos que integram o caracter, tudo passa atravez esse animatographo que, em seus diversas estadios, vae stereo-

typando o facies psychico dos differentes periodos ethnicos.

Quem se abalançar a estudar a ethnologia de um povo terá de descer a pesquisas e escavações no terreno do folk lore e, neste particular, a poesia popular é um dos filões mais ricos e variegados.

Tenho por isso que o presente trabalho, a despeito de ser uma obra de compilação, não será totalmente destituido de valor. A par da paciencia com que o auctor esteve a joeirar as muitas quadras que fez convergir sob suas vistas, ha o merito de que o presente repositorio será um subsidio real e authentico ao estudo ainda incompleto e lacunoso do folk lore brasilico.

CARLOS GÓES.

Bello Horizonte, Outubro de 1910.

MIL QUADRAS

Populares Brasileiras

1.

Atirei um cravo nagua,
De mimoso foi ao fundo ;
E os peixinhos responderam :
« Viva Dom Pedro Segundo ! »

(*Rio de Janeiro.*)

2.

A menina que eu namoro
E que me quer muito bem,
Tem um sorriso que encanta
E vinte contos tambem.

3.

As rosas é que são bellas,
Os espinhos é que picam,
Mas são as rosas que caem,
São os espinhos que ficam....

4.

Azeitonas bem curtidas
Têm um singular sabor;
Só me lembro dos amigos
Quando bebo este licor.

(*R. de Jan.*)

5.

A viola pela prima,
A prima pelo bordão,
O homem pela palavra
Leva a mulher pela mão.

(*Idem.*)

6.

A bandeira aqui chegou,
Um favor quer merecer:
Uma chicara de café
Para os foliões beber.

(*Ibidem.*)

7.

Até nas flores se nota
A differença da sorte:
Umas enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte.

8.

Alma no corpo não tenho,
Minha existencia é fingida;
Sou como o tronco quebrado
Que dá sombra sem ter vida.

9.

As minhas magoas são minhas,
Nem eu as posso deixar;
Ficarão na sepultura
Si minh' alma as não levar.

10.

A estrada que vae p'r' a villa
Todo o mundo sabe bem;
Mas só eu sei o caminho
Do coração de meu bem.

(*Ceará.*)

11.

A bonina é flor da noite,
Só abre depois da tarde;
Pelos olhos se conhece
Quem ama com lealdade.

12.

As estrellas do ceo correm,
Eu tambem quero correr;
Ellas correm atraz da lua,
Eu atraz do bem querer.

(*Sergipe e Minas.*)

13.

Agora me vou embora
Para a semana que vem;

Quem não me conhece chora,
— Que fará quem me quer bem?

(*Rio Grande do Sul.*)

14.

A pombinha quando vôa
Bate co'as azas no chão;
Sinh' Anninha quando dorme
Deita a mão no coração.

(*Sergipe.*)

15.

Acordei de madrugada,
Fui varrer a Conceição;
Encontrei Nossa Senhora
Com seu raminho na mão.

(*R. de Jan. e Bahia.*)

16.

A baleia é um bicho grande
Que produz a barbatana;
Quem quizer comprar baleia
Vá no campo de Sant'Anna.

(*R. de Jan.*)

17.

A rolinha fez seu ninho
Para os seus ovos chocar;
Veio a cobra e come os ovos,
Rolinha pega a chorar.

(*Infancia.*)

18.

A belleza e a singelleza
Se abraçam num sorrir;

Uma vive do aroma,
Outra vive do porvir.

(*Infancia.*)

19.

As serranas enfeitadas
De prazeres vêm saltando;
Os mancebos e os velhinhos
Todos, todos vêm chegando.

(*Bahia.*)

20.

A pombinha vae voando,
A lua a cobriu de um veo;
O Divino Espirito Santo
Pois assim desceu do Ceo.

(*R. de Jan.*)

22.

Andamos de porta em porta
De todos os moradores,
P'ra festejar o Divino,
Cobril-o todo de flores.

(*Idem.*)

22.

A vida do preto escravo
E' um pendão de penar:
Trabalhando todo o dia
Sem noite p'ra descançar.

(*Ibidem.*)

23.

A cachaça é moça branca,
Filha de pardo trigueiro;

Quem bebe muita cachaça
Não póde ajuntar dinheiro.

(*Minas e R. de Jan.*)

24.

A minha gatinha parda
Em Janeiro me fugiu.
Quem achou minha gatinha?
Você sabe? Você viu?

(*Infancia.*)

25.

Atirei um limão verde
Por cima da sacristia;
Deu no padre, deu na missa,
Deu na moça que eu queria.

26.

Agora eu vou dividir
As fructas do meu sertão:
Tem manga, ingá, graviola,
Condessa, lima e limão.

(*Ceará.*)

27.

A mulher quando se ajunta
A falar da vida alheiá,
Começa na lua nova
E acaba na lua cheia.

(*Idem.*)

28.

Arruda tambem se muda
Do sertão para o deserto,

Tambem se ama de longe
Quem não póde amar de perto.

(*Ceará.*)

29.

A serva ingrata querendo
Mais minha dor augmentar,
Sorrindo bebe meu pranto,
Não tem dó do meu penar.

30.

Antes eu nunca te visse
Nem te tomaese amizade,
Para agora me deixares
No rigor de uma saudade.

31.

Ao ver-me continuamente
De pranto o rosto banhar,
Alem de augmentar o pranto
Não tem dó do meu penar.

32.

A arvore do amor se planta
No centro do coração;
Só a pode derrubar
O golpe da ingratidão

33.

Alma pura e rosto d'anjo
Nella juntos encontrei;

Como poude ser ingrata
Eu confesso que não sei.

34.

Amei-te emquanto me amaste,
Te quiz emquanto quizéste;
Deixei-te quando deixaste-me,
— Fiz o que tu me fizéste.

(*Minas.*)

35.

Adeus, campina tão verde,
Onde meu bem assentou;
Campina, fala a verdade:
Com quem meu bem conversou?

(*Idem.*)

36.

Amor, abaixo de Deus,
Tem sangue, tem divindade;
Deus domina corpo e alma,
O amor domina a vontade.

(*Ibidem.*)

37.

A viola chora a prima,
A prima chora o bordão.
E' como filho sem pae,
Sem parente nem irmão.

(*Ibidem.*)

38.

Arreei o meu cavallo
E agora vou *viajá;*

Vou *buscá* minha *boneca* (1),
Não posso mais *esperá*.

(*Minas.*)

39.

Ao amor não faço pouco,
Pois elle preço não tem :
O premio de amor se paga
Amando e querendo bem.

(*Idem.*)

40.

Ai, senhora do meu peito,
Triste cousa é querer bem :
Quanto mais a gente soffre
Mais amor a gente tem.

(*Ibidem.*)

41.

A ceguinha que aqui vêdes
Tinha olhos, via a luz ;
E agora, irmãos, pede esmolas
Pelo sangue de Jesus.

(*Ceará.*)

42.

Atrevido pensamento
Não me acabes de matar,
Que basta p'ra meu castigo
Querer bem, mas não gozar.

(1) *Boneca*. — Enfeite com que os tropeiros adornam a *madrinha* da tropa e é como um amuleto em favor do bom successo das viagens.

43.

As penas de meu martyrio
Maïs crueis não podem ser :
Ter olhos para chorar,
Não ter olhos p'ra te ver.

44.

A vós pedimos, Senhora,
Pelas vossas sete dores,
Rogae a Jesus por nós,
Miseraveis peccadores.

(*Minas.*)

45.

As flores do cafeeiro
Stão branquinhas a cahir....
Não fiques triste, menina,
Quando me vires partir.

(*Idem.*)

46.

As brancas ficam malucas,
Si passam junto de mim ;
Machuca, mem bem, machuca,
Machuca, mulata, assim!

47.

A moreninha me encanta,
Me derrete, me maltrata,

Me envenena, me enfeitiça,
Me fere, me abraza e mata!

(*Bahia.*)

48.

Ao ver seus olhos formosos,
Cheios de tanto langor,
Quem supporia seu peito
Tão cruel e tão traidor!

49.

Aqui estou em vossa porta
Feito um feixinho de lenha,
A'espera da resposta
Que de vossa bocca venha.

(*Idem.*)

50.

As' vezes pareço crer,
Quando a terra flores dá,
Serem as cópias fieis
Das flores que existem lá.

(*Ciganos.*)

51.

As saudades que te trago
Foram da terra arrancadas,
Mas as que sinto por ti
Estão n'alma enraizadas.

(*Idem.*)

52.

Adeus, eu vou conturbado,
Eu parto cheio de dor;

Tu ficas, mas vae commigo
Dentro d'alma o meu amor!

53.

Adeus, eu vou quasi morto
De saudade e de pesar ;
Não consideras, ó anjo,
Com que dor vou te deixar.

54.

Adeus, ó minha delicia!
Sê fiel como eu serei;
Pensa em mim como eu te amo,
Como eu em ti pensarei.

55.

Adeus, de mim não te esqueças,
Mimoso lirio dos ceos ;
Recebe o mais triste abraço
Neste tão penoso adeus.

56.

Adeus! — o momento chega
Da funesta despedida;
Meu coraçâo vae sangrando,
A minh'alma vae partida.

57.

Adeus te digo, enxugando
O pranto dos olhos meus.

Sê fiel na minha ausencia,
Meu amor, adeus! adeus!

58.

Aqui nesta soledade
Cada flor é tua imagem,
Cada murmurio um suspiro,
Cada gemido uma aragem.

59.

Amo-te! — Si isso é crime,
A culpa teus olhos têm;
Tu tens uns olhos tão lindos
Como nunca vi ninguem.

60.

Amo-te! — não sou culpado....
Teu olhar isso causou;
Sem amor sou criminoso,
A culpa tem quem olhou.

61.

Amo-te! — tu me desprezas
Sem de mim ter compaixão;
Não me olhes si não queres
Prender o meu coração.

62.

Agora conheço a falta,
Não supporto este viver;

E'infeliz quem não tem
Um bichinho a *lhe* roer.

63.

A minha faca de ponta
Ai ! nunca me abandonou;
Inda mal o sol desponta
Ha muito com ella estou.

(*Rio Grande do Sul.*)

64.

Ao Boi Barroso hei de um dia
Bolear em linda gauchada,
E leval-o, maneado,
Aos pés de Chinoca amada.

(*Idem.*)

65.

As caturritas em bando
Passam todas, lá se vão....
Assim partissem, voando,
As penas do coração.

(*Ibidem.*)

66.

Acabou-se, não ha mais
Quem por mim formava guerra;
Sabe Deus e todo mundo
Que o caboclo 'ta' na terra.

(*S. Paulo.*)

67.

A rainha (1) foi s'embora,
Coitadinha, foi chorando,
P'r amor de sua corôa
Que ella' tava governando.

(*historica* (2) - *S. Paulo.*)

68.

A mãe de Deodoro (3) disse
— Este filho já foi meu;
Agora tá maldiçoado
Da minha parte e de Deus.

(*idem* - *Ibidem.*)

69.

A folha da bananeira
De comprida amarellou;
A bocca de meu bemzinho
De tão doce assucarou.

(*S. Paulo.*)

70.

Alfavaca ramalhuda
Bota flor, bota semente;
Quem tomar amor commigo
Passa trabalho e não sente.

(*Idem.*)

(1) Allusão á imperatriz do Brasil D. Thereza Christina que foi deportada.

(2) Essa quadra espontou no povo após a proclamação da Republica.

(3) Marechal Deodoro da Fonseca, proclamador da republica no Brasil.

71.

A moça que for bonita
Já mata por devoção :
O dia em que ella não mata
Quasi morre de paixão.

(*S. Paulo.*)

72.

Ao detraz d'aquelle morro
Ha um morro ainda maior :
Si o amor de vancê é grande,
O meu é muito maior.

(*Minas.*)

73.

Andei no sertão, nas mattas,
Nas caatingas, nas campinas,
Mas nunca encontrei parelha
P'r' as vargens de Diamantina.

(*Idem.*)

74.

Ai, meu bem, vancê me mata,
Eu não quero morrer, não :
Si eu morrer vancê me enterra
Na cóva do coração.

(*Ibidem.*)

75.

A perdiz chora no campo,
A pomba no carrascão :

A perdiz por ter saudade,
A pomba por ter paixão.

(*Minas.*)

76.

Amigo, passa um cigarro
Que eu tambem sou *fumadô* :
A pontinha que eu trazia
Cahiu n'agua e se molhou.

(*Idem.*)

77.

A senhora d'esta casa
E' como o mangericão :
Quer de secca, quer de verde,
Nunca muda de feição.

(*Piauhy.*)

78.

Atirei meu lenço branco
Que na *arve* (1) foi abrir :
Amor firme nesta terra
Não se póde possuir.

(*Goyaz.*)

79.

Arranquei do ferro frio (2),
Fiz o povo recuar.
Eu sou cabra perigoso,
E' bom não facilitar.

(*Idem.*)

(1) Corruptela de arvore.
(2) Arma branca.

80.

Ai, que dor no coração,
Que eu não posso mais soffrer!
Saudade do meu irmão
Que na guerra foi morrer!

(*historica* (1) - *Goyaz.*)

81.

As moças d'esta cidade
Têm perna de saracura,
E as caras aborrecidas
Em briga co'a formosura.

(*Minas.*)

82.

Alecrim da beira d'agua
Chora a trara em que nasceu:
Tambem eu ando chorando
O amor que já foi meu.

(*Idem.*)

83.

Amanhã me vou embora
Por estas estradas fóra:
Minha falta ninguem sente,
Minha ausencia ninguem chora.

84.

Abaixa-te, limoeiro,
Quero apanhar um limão

(1) Allusiva á guerra do Paraguay.

Para tirar uma nódoa
De dentro do coração.

85.

As circumstancias do tempo
São causa d'eu não te ver,
Mas não seras, meu bemzinho,
Causa d'eu não te querer.

(*Piauhy.*)

86.

Amar e viver ausente
Só em mim se póde achar :
Quanto mais ausente vivo
Mais sou firme em te adorar.

(*Idem.*)

87.

Amei-te emquanto me amaste,
Quiz-te emquanto me quizeste :
Tu me deixaste, deixei-te,
Fiz-te o que tu me fizeste.

(*Ibidem.*)

88.

Amor de perto é querido,
De longe mais estimado ;
Si de perto nos dá pena,
De longe, maior cuidado.

(*Ibidem.*)

89.

As cantigas que eu sabia
Todas o vento levou :

Só uma de meu bemzinho
Na memoria me ficou.

(*Piauhy.*)

90.

A garça poz o pé nagua
C' o bico para beber;
Como era de meus olhos,
A garça não quiz beber.

(*Idem.*)

91.

As mulatas me criminam
Por eu ser muito *pidão:*
Eu peço porque careço,
Mas ellas por que me dão?

(*Ibidem.*)

92.

As nuvens pretas são chuva,
As brancas são ventania;
Não se me acaba a esperança
De te lograr algum dia,

(*Ibidem.*)

93.

Adeus, cabellinhos pretos,
Adeus, bocca de rubim,
Adeus, olhos matadores,
Adeus, cheiro de alecrim.

(*Ibidem.*)

94.

A perpetua, si cheirasse,
Era a rainha das flores;

Como não cheira nem fede
Por isso não tem amores.

(*Minas.*)

95.

Alecrim da beira d'agua,
Mangerona poço fundo :
A moça que quer casar
Não namora todo o mundo.

(*Idem.*)

96.

As meninas lá de baixo
Ganham roupa sem pedir :
Ganham saia de cipó,
Palitó de pirahy.

(*Ibidem.*)

97.

A perdiz pia no campo,
A pomba no matto grosso .
Quem tem seu amor bonito
Dependura do pescoço.

(*Ibidem.*)

98.

A folha do lirio vira,
Eu tambem quero virar :
Vancê sabe que eu sou seu,
Não precisa suspirar.

(*Ibidem.*)

99.

A dansa da extravagancia
Foi diabo que inventou :

O diabo foi s'embora,
— Extravagancia ficou.

(*Minas.*)

100.

A tua ausencia foi forte (1)
Que me custou supportar :
Fugiu-me o sangue das veias
E o coração do logar.

101.

Alfaiate quer tesoura ;
Sapateiro quer tripeça;
Moça bonita quer ouro ;
Moça velha quer conversa.

(*Idem.*)

102.

A rosa tem vinte folhas ;
O cravo tem vinte e uma ;
Está o cravo crestando
Que a rosa já tem mais uma.

(*Ibidem.*)

103.

Açucena quando nasce
Toma conta do jardim ;
Eu tambem ando caçando (2)
Quem tome conta de mim.

(*Ibidem.*)

(1) Nota-se aqui a omissão, por ellipse, do adverbio *tão :* A tua ausencia foi *tão* forte *que*, etc.

(2) Procurando.

104.

A candeia estava accesa,
Por que foi que se apagou?
Pergunta áquella menina
Por que razão me deixou.

(*Minas.*)

105.

Alecrim verde apanhado
Não te seja enganador,
Pois não cabe no meu peito
Amar a quem me deixou.

(*Idem.*)

106.

Adora, pateta, adora,
Adora bem adorado:
Verás o lôgro que levas
Depois do caso passado.

(*Ibidem.*)

107.

Alecrim quer que eu porfie,
Eu não quero porfiar;
Eu tambem tenho o meu brilho,
Quem quizer vem procurar.

(*Ibidem.*)

108.

Alecrim verde e cheiroso
Na janella de meu bem;

Inda bem não me casei
Já me dão os parabens.

(*Minas.*)

109.

A lua tem quatro cantos,
Todos quatro contra mim.
A fortuna terá culpa
De não nascer para mim?

(*Idem.*)

110.

Abaixa, serra da Lapa,
Que eu quero avistar Congonha (1);
Meu amor aqui tão perto
E eu morrendo de vergonha.

(*Ibidem.*)

111.

A lua está muito clara,
Menina, como ha de ser?
Deixa vir a noite escura
P'ra ninguem nos conhecer.

(*Ibidem.*)

112.

A paixão em que me abrazo
Dilacera o peito meu;
Dá-me prazer, dá-me vida,
Dá-me, dá-me um beijo teu.

(1) Congonhas do Campo, districto do municipio de Ouro Preto, celebre pela tradicional festa do Senhor Bom Jesus dos Mattosinhos.

113.

Alecrim é venenoso
Pelo bom cheiro que tem;
Si de ti tenho ciume
E' porque te quero bem.

(*Minas.*)

114.

Alecrim verde arrancado
Encostado inda floresce.
— Quem eu quero não me quer,
Quem me quer não me merece.

(*Idem.*)

115.

Alecrim verde cheiroso
Tem o cheiro differente;
Esse nosso doido amor
Dá combate a muita gente.

(*Ibidem.*)

116.

Ajuda-me, companheiro,
Que eu tambem te ajudarei;
Quando eu te vir affrontado
Eu te desaffrontarei.

(*Ibidem.*)

117.

A viola chora a prima,
A prima chora o bordão;

Não me faças alembrar
Dos amores do sertão.

(*Minas.*)

118.

Atirei um anzol de prata
No nó do amor tyranno;
Mergulhei e vim ao fundo,
Fui buscar o desengano.

(*R. de Jan.*)

119.

Andorinha do coqueiro
Dá-me novas de meu bem;
Si está morta, si está viva,
Si está nos braços de alguem (1).

(*Minas.*)

120.

Alecrim da beira d'agua,
Mangerona de outra banda;
Hei de amar o meu bemzimho
Inda que haja demanda.

(*Idem.*)

121.

A folha do limoeiro
Não bole sinão c' o vento;
Meu amor não apparece,
Ou não pode ou não tem tempo.

(*Ibidem.*)

(1) Nesta quadra observa-se um caso interessante de Syllepse.

122.

Ai, morena, si eu morrer
Sem teus carinhos lograr,
Eu virei lá do outro mundo
Na tua porta penar.

(*Minas.*)

123.

A rua da Venda Nova
E' comprida e sem largura;
Toda menina de lá
Tem perna de saracura.

(*Idem.*)

124.

A folha da malva rosa
E' viçosa no nascer:
Coração tão amoroso
Como o meu não póde haver.

(*Ibidem.*)

125.

Ahi vae meu coração
Partido em quatro pedaços;
Eu morro por teus carinhos,
Vou acabar em teus braços.

(*Ibidem.*)

126.

A moça que eu quero bem
Tem uma falha de dente,

Sobrancelhas bem fechadas
E olhos de matar a gente.

(*Minas.*)

127.

A rosa estava doente,
O cravo foi visitar;
A rosa deu um suspiro,
O cravo pega a chorar.

(*Idem.*)

128.

Adora, pateta, adora,
Que teu corpo sentirá;
Morrendo vaes para o inferno.
— E'o pago que amor dá.

(*Ibidem.*)

129.

A moça bonita ou feia
O amor sempre a procura,
No mundo não tem escolha
Porque tudo é creatura.

(*Ibidem.*)

130.

A rosa foi p'ra a cadeia
Chorando a sua prisão;
O jasmim chegou na grade:
« Paciencia, coração. »

(*Ibidem.*)

131.

A sorta, nós bem sabemos,
E'tal qual uma mulher,

Que quer quando nâo queremos,
Quando queremos, não quer.

132.

A sempreviva não abre,
Não abre sinão de tarde;
Coração que ama dois
Ama um com falsidade.

(*Minas.*)

133.

Agua do rio se abrande,
Me deixe apanhar meu peixe;
Emquanto mundo for mundo,
Meu bemzinho, não me deixe.

(*Idem.*)

134.

Arruda tem vinte folhas,
No meio seu arrodeio;
Trata de mim que sou teu,
Deixa de amores alheios.

(*Ibidem.*)

135.

Amarrei o sol co'a lua
C'uma fita de verdade,
Arriscando a minha vida
P'ra te fazer a vontade.

(*Ibidem.*)

136.

A paixão quer me matar,
Saudade me consumir;

Adeus, meu anjo querido,
Té quando eu te possuir.

(*Minas.*)

137.

A garça vae avoando,
Os encontros vão rangindo:
O moço quando vê moça
Fecha o olho e vae se rindo.

(*Ceará.*)

138.

As soudades me convidam,
Suspiros me põem a mesa;
Em mim não ha falsidade,
Sou firme por natureza.

(*Idem.*)

139.

Ai, menina, pede a Deus,
Que eu peço a São Vicente:
Que Deus nos junte a nós dois
Numa casinha sem gente.

(*Ibidem.*)

140.

Atirei um limãozinho
Na menina da janella;
Ella chamou-me doidinho,
Mais doidinho ando eu por ella.

(*Parahyba.*)

141.

A senhora era casada,
Por que largou seu marido?

— Porque bebia *sianinha* (1)
E vinha *curtir* commigo.

(*Parahyba.*)

142.

A laranja, de madura,
Cahiu nagua, foi ao fundo;
Triste da moça solteira
Que cae na bocca do mundo.

(*Ceará.*)

143.

Bate, bate, coração,
Arrebenta este peito
Como cabem tantas magoas
Num espaço tão estreito?

(*Minas.*)

144.

Batatinha quando nasce
Deita rama pelo chão;
Sinh'Anninha quando deita
Põe a mão no coração

(*Idem.*)

145.

Bemzinho zangou commigo
Eu não sei por que razão;
Eu me vou pôr de joelhos
Para lhe pedir perdão.

(1) Cachaça.

146.

Bella pastora, entrae na roda,
Para ver como se dansa;
Uma volta, meia volta,
Abraçae o *seu* amor.

(*Infancia.*)

147.

Bemdito seja quem ouve
Da pobre cega o pedir;
Jesus o queira amparar
Quando estiver p'ra cahir.

(*Ceará.*)

148.

Bemdito seja quem dá
Quando o pobre vem pedir,
Acompanhado dos anjos
Quando da terra sahir.

(*Idem.*)

149.

Baptisei a minha dor,
Puz-lhe o nome de constante;
Foi seu padrinho fiel
Um gemido agonizante.

150.

Bicho que anda de noite
De dia o rasto consome:

Nunca vi rasto de alma
Nem côro de lobis-home.

(*Minas.*)

151.

Bebo aguardente aos martellos,
Bebo vinho em quantidade:
Por isso me chamam sempre
— Mulato de qualidade!

152.

Brilhava em ceo azulado....
Negra nuvem me toldou....
Por perder quem me seguia
Minh' alma afflicta chorou.

(*Ciganos.*)

153.

Borboleta, minha vida,
Chega teu beiço no meu,
Que aqui está quem te venera,
Quem morre por ti sou eu.

(*Piauhy.*)

154.

Batuquinho, batuquinho,
Batuquinho do sertão;
Por causa do batuquinho
Maltratei meu coração.

(*Minas.*)

155.

Botão de rosa encarnado,
Quem te tirou da roseira

Para andares pelo chão
Misturado de poeira?

(*Minas.*)

156.

Basta, pensamento, basta,
Deixa-me emfim descançar;
O bem que ser meu não póde
E' um tormento alembrar.

(*Idem.*)

157.

Compadre, você me diga,
Me diga só de um arranco:
Por que é que gallinha preta
Põe por força ovo branco?

158.

Como as flores nascem
A minha Lyria nasceu;
Como as flores morrem
A minha Lyria morreu.

(*Minas.*)

159.

Cajueiro pequenino
Carregadinho de flor;
Eu tambem sou pequenino
Carregadinho de amor

(*Pernambuco.*)

160.

Comprei um vintem de ovos
Para tirar geração;

O pinto morreu na casca,
Não tenho fortuna, não.

(*Pernambuco.*)

161.

Cachorrinha está latindo
Lá debaixo da figueira;
Cala a bocca, cachorrinha,
E não seja candongueira.

(*Infância.*)

162.

Contae-me, ó filha querida,
De contar não tenhas medo,
Eu prometto de guardar
O teu bonito segredo.

(*Idem.*)

163.

Cala a bocca, minha rôla,
Que a cobra eu vou matar:
Os ovos que ella comeu
Ella ha de me pagar.

(*Ibidem.*)

164.

Compadeci-vos, Senhora,
De nossos prantos e dores;
Morremos todos á sêde
Porque somos peccadores (1).

(*R. de Jan.*)

(1) Prece contra o flagello da secca.

165.

Canna verde, canna verde,
Canna do cannavial;
Eu já fui mestre de assucar
Hoje sou official.

(*R. de Jan.*)

166.

Carangueijo não é peixe,
Carangueijo peixe é;
Si carangueijo fosse peixe
Dava um bote em vosso pé.

(*Infancia.*)

167.

Candieiro, entrae na roda.
Entrae na roda sem parar;
Quem pegar o candieiro
Candieiro ha de ficar

(*Idem.*)

168.

Carangueijo não é peixe,
Carangueijo peixe é;
Carangueijo só é peixe
Na vasante da maré

(*Ibidem.*)

169.

Cravo roxo, sentimento,
Encosto da minha *murfada* (1),

(1) Almofada.

No dia que não te vejo
Não coso, não faço nada.

(*Minas.*)

170.

Chove, chuva miudinha,
Na cópa de meu chapeo;
Você mesmo é que é a causa
De eu andar de déo em déo (1).

(*Idem.*)

171.

Cravo branco na janella
E' signal de casamento;
Menina, guarda teu cravo
Q'inda falta muito tempo.

(*Ibidem.*)

172.

Canôa, minha canôa,
Canôa de meu dinheiro,
Ou aqui ou na Bahia;
Ou no Rio de Janeiro.

(*Ibidem.*)

173.

Cuidado, moças, cuidado!
Não conheceis bem o mundo:
Apprendei logo a nadar,
Si não quereis ir ao fundo.

(1) Andar erradio, andar sem destino.

174.

Cegou-me a luz de teus olhos,
Enlouqueceu-me teu beijo;
Mas — louco — mais eu te adoro
E — cego — mais eu te vejo!

175.

Compadece-te de mim,
Não me facas esquecer,
Que por ti padeço tanto,
Não se me dá de morrer.

(*Minas.*)

176.

Cravo branco, cravo roxo,
Cravo de toda nação;
Quando cravo se demuda
Que fará quem tem paixão.

(*Idem.*)

177.

Chuva que tem de chover
Por que é que está peneirando?
Amor que tem de ser meu
Por que vem negaceando?

(*Ibidem.*)

178.

Caboclo, vancê não *treite* (1)
Sae p'ra fora e desembucha,

(1) Facilite.

Qu'eu gósto de vê o cabra
E' na bocca da garrucha.

(*Minas.*)

179.

Curvei a fronte, porque?
Eu mesmo não sei dizer.
Ha dores cujo consôlo
Está no proprio soffrer.

180.

Cachorro que engole osso
Nalguma coisa se fia :
Quando vejo mulher velha
Tomo a *bença* e chamo tia.

(*Minas.*)

181.

Como tu não ha na terra
Tão linda, tão bella flor ;
Menina dos olhos negros,
Queres tu o meu amor ?

182.

Como as aves que vagueiam
No seio da noite escura,
Assim serão meus suspiros
Sobre a tua sepultura.

(*Ciganos.*)

183.

Como se ama a Deus no Ceo
Te adorou minh' alma pura ;

Mas tu desprezas, ingrata,
Meus extremos de ternura.

184.

Co' as cousas santas da egreja
Não gósto de caçoar :
Mas mãe Eva foi ladina
De fazer Adão peccar.

(*Minas.*)

185.

Carreguei minha garrucha
De chumbinho até no meio
P'ra matar moça bonita
Que namora moço feio.

(*Idem.*)

186.

Chora, violinha, chora,
Chora sem consolação ;
Quando tu, madeira, choras,
Que fará quem tem paixão ?

(*Ibidem.*)

187.

Cachacinha é moça branca
Que nasceu de pae trigueiro ;
Quem toma amores por ella
Não póde ajuntar dinheiro.

(*Ibidem.*)

188.

Cigarrinho de papel,
Fumo verde não fumega :

Onde tem moça bonita
Meu coração não socega.

(*Minas.*)

189.

Cada vez que me recordo
Que commigo ninguem póde,
Tenho medo de mim mesmo,
De fazer uma *desorde*.

(*Idem.*)

190.

Caboclo *bão* no riscado
Não arreceia o destroço :
Eu sou um cabra sarado
Criado com chumbo grosso.

(*Ibidem.*)

191.

Casa nova de monjolo,
Engenho de sassafraz :
Quem não se embeiçar por mim
Chegue, chegue para traz.

(*Goyaz.*)

192.

Como póde o peixe vivo
Viver fóra da agua fria ?
Como poderei viver
Sem a tua companhia ?

(*Minas.*)

193.

Cartinha, vôa nos ares,
Te livra de algum perigo ;

Vae falar áquella ingrata
Que não quer falar commigo.

(*Piauhy.*)

194.

Cá por dentro tem um bicho
Que me roe e vae roendo ;
Quanto mais affago o bicho
Mais o bicho vae comendo.

(*Idem.*)

195.

Com pena peguei na penna
Com pena de te escrever ;
A penna cahiu no chão
Com pena de não te ver.

196.

Coração que batte, batte
Quando não puder descança ;
O allivio de quem ama
E'viver com esperança.

(*Minas.*)

197.

Chove, chuva miudinha,
Na copa de meu chapeo :
Padre Nosso de mulher
Não leva homem p'ro ceo.

(*Idem.*)

198.

Cachaça é filha da canna,
Neta do cannavial,

Desce pelo peito abaixo
Procurando o seu logar.

(*Minas.*)

199.

Cravo roxo é sentimento,
Inda mais sentido estou,
Pois não cabe no meu peito
Amar a quem me deixou.

(*Idem.*)

200.

Carta, vae onde eu te mando,
Carta, não erres a porta;
Carta, põe-te de joelhos
E espera pela resposta,

(*Ibidem.*)

201.

Carta, quem te perguntar.
Quem foi o teu escrivão,
Diga que foi uma pena
Tirada do coração.

(*Ibidem.*)

202.

Crioula que ama branco,
Ama cachorro tambem;
O cachorro não é gente
E negro não é ninguem.

(*Ibidem.*)

203.

Canta o gallo, rompe o dia,
Cae o sereno no chão;

Eu tambem quero cahir
Dentro do teu coração.

(*Minas.*)

204.

Cachorro que late grosso
E' bonito quando acôa :
— Um amor quando é de gôsto
Ai, meu Deus, que cousa bôa !

(*Idem.*)

205.

Caititú do matto grosso
Corre mais do que cotia ;
Quando eu vejo moça velha
Tomo a *bença,* chamo tia.

(*Ibidem.*)

206.

Coração que vive triste
Viva alegre, si pudér ;
Coração que vive triste
Nunca consegue o que quer.

(*Ibidem.*)

207.

Cravo de amor offendido
O que fiz hoje não faço ;
Porque então eu dava a vida,
Hoje não dou nem um passo.

(*Ibidem.*)

208.

Cahi no mar e salvei-me,
Nelle não pude afogar,

Mas afoguei-me em teus olhos
Mais pequenos do que o mar.

(*Minas.*)

209.

Cravo branco, luz do dia,
Jasmim da minha alegria ;
Quem me dera morar perto
Para te ver todo o dia.

(*Idem.*)

210.

Cupido por ser amante
Apprendeu ser cravador,
Para cravar de brilhantes
O peito de seu amor.

(*Ibidem.*)

211.

Cambaleão foi ao palacio
Falar com o presidente,
E'cousa que eu nunca vi
Cambaleão falar com gente.

212.

Crioulas são feiticeiras,
Querem as brancas dizer :
Amor que as crioulas fazem
Branca não sabe fazer.

(*Minas.*)

213.

Cada vez que o gallo canta
Da banda que vós morais,

Suspiros de vez em quando,
Saudades cada vez mais.

(*Minas.*)

214.

Cravo, não bulas co' a rosa,
Deixa a rosa na roseira :
Tu bem sabes que é peccado
Bolir com moça solteira.

(*Idem.*)

215.

Coração que dois adora
De um d'elles ha de esquecer :
Não esqueça de seu velho,
Do novo pode esquecer.

(*Ibidem.*)

216.

Com amor fiz este lenço,
Com amor eu t'o vou dar ;
Elle vae cheio de amor,
Com amor queira acceitar.

(*Ibidem.*)

217.

— Canoeiro, canoeiro,
Que que trouxe na canõa ?
— Trouxe ouro, trouxe prata,
Trouxe muita cousa bõa.

(*Ibidem.*)

218.

Caboclo não vae p'ro céo
Nem que seja rezador ;

Que tem o cabello duro,
Espeta Nosso Senhor.

(*Ceará.*)

219.

Coitadinho de quem anda
Fóra de seu *natural* (1);
Si um dia passa bem,
Tres e quatro passa mal.

(*Idem.*)

220.

Cambiteiro, cambiteiro,
Onde foram cambitar?
Cambita, canna caiana,
Bota p'ro engenho central.

(*Parahyba.*)

221.

De manhã ensilho o pingo (2),
Sólto o poncho estrada fóra;
Canta o gallo, chora a china
Que o gaúcho vae s' embora.

(*Rio Grande do Sul.*)

222.

Do coqueiro nasce o palmito,
Do palmito nasce a palma:
Quero que responda em verso
Quem entrou no céo sem alma (3).

(*Minas.*)

(1) Fóra de seu torrão natal.
(2) Cavallo.
(3) Esta quadra é extrahida de um cõco ou desafio. Vale a pena registar a resposta:

223.

Dansa o fado, minha gente,
Que uma noite não é nada;
Si eu não for dormir agora,
Dormirei de madrugada.

(*R. de Jan.*)

224.

Deixa estar o jacaré
Que a lagôa ha de seccar:
Rio Preto ha de dar vau
Té p'ra cachorro passar.

(*Minas.*)

225.

De muita gente que existe
E que julgamos ditosa,
Toda a ventura consiste
Em parecer venturosa (1).

226.

Dorme, dorme, meu filhinho,
As aves estão dormindo;
As estrellas scintillantes
Lá no ceo estão luzindo.

(*R. de Jan.*)

Si do coqueiro nasce a palma
E da palma nasce o palmito,
Quem entrou no ceo sem alma
Foi a cruz de Jesus Christo.

(1) A ideá d'esta quadra, cuja auctoria é anonyma, é a mesma do soneto de Raymundo Correia *Mal secreto*.

227.

Dorme, dorme, meu menino,
Que a mãezinha logo vem :
Foi lavar os seus panninhos
Na fontinha de Belem.

(*Minas e São Paulo.*)

228.

Do amor ardentes chammas
Devoram meu coração ;
Vae-me findando a existencia
A minha ardente paixão.

229.

De ti ausente, distante,
Eu não te esqueço jamais ;
Lembro-te sempre, constante,
E cada vez te amo mais.

230.

De saudade já não posso
Apertar o meu collete :
Foi s'embora d'esta terra
Meu cravo, meu ramalhete.

(*Minas.*)

231.

Deus lhe pague sua esmola,
Deus lhe dê muita alegria :

No reino do Ceo se veja
Com toda a sua familia.

(*Ceará.*)

232.

Deus lhe pague sua esmola,
Deus lhe dê muito p'ra dar ;
Na hora de sua morte
Queira Deus *lhe* perdoar.

(*Idem.*)

233.

De meu peito fiz um cofre
Para guardar minhas dôres ;
Porem tu com teus carinhos
Encheste o cofre de flores.

234.

Do meu peito no canteiro
Plantei uma sensitiva,
Meu amor foi jardineiro,
Nasceu uma sempreviva.

235.

Dentro de meu peito tenho
Uma dor que me consome ;
Quando pego a suspirar
Da bocca me sae teu nome.

236.

Dae-me d'essa lima um gomo,
D'essa laranja um pedaço,

D'essa boquinha um beijo,
D'esse corpinho um abraço.

237.

Da capella de um archanjo
E's luzinha desprendida ;
Menina dos olhos negros,
Queres tu a minha vida ?

238.

Dizem que sou borboleta,
No amar sou bandoleiro
A culpa tem quem me forja
Os ferros do captiveiro

(*Bahia.*)

239.

De uma simples amizade
Quantas vezes, sem querer,
Vae crescendo a sympathia
Que de amor nos faz morrer ?

240.

Do Brasil a mulatinha
E' do ceo doce maná,
Adocicada fructinha,
Saboroso cambucá

241.

De teus olhos tenho medo,
Fujo d'elles com pavor !

Ai! não mates ja tão cedo
Teu magoado trovador!

242.

Dizem que as almas não morrem,
São immortaes, não têm fim....
A minha faz excepção:
— Está morta dentro de mim.

(*Ciganos.*)

243.

Desabrochou de manhã,
De tarde se despediu;
Fiquei na noite sombria
Por onde ella se sumiu.

(*Idem.*)

244.

Debaixo da terra fria
Contra o teu rosto de dó,
Mais augmenta a minha pena
O me lembrar que estás só.

(*Ibidem.*)

245.

Dizem que a mulher é falsa,
Que é falsa como papel;
Mas quem vendeu Jesus Christo
Foi homem, não foi mulher.

(*R. de Jan.*)

246.

De tudo eu quero deixar,
Só de amor eu não queria:

Não esqueço o seu semblante
Toda a hora, todo o dia.

(*S. Paulo.*)

247.

Dom Pedro já se embarcou
No vapor americano.
Eu vi o barco de guerra
Bandeira republicana. (1)

(*historica - S. Paulo.*)

248.

Dizem que o pito (2) allivia
As magoas do coração :
Eu pito, (3) pito e repito
— As magoas nunca se vão.

(*Minas.*)

249.

Da bocca faço tinteiro,
Da lingua, penna aparada,
Dos dentes, letra miúda,
Dos olhos, carta fechada.

250.

Dentro do teu coração
Tenho mettido este meu :
Quando o teu coração batte,
Batte o meu dentro do teu.

(*Piauhy.*)

(1) Allusão á partida para o exilio de Dom Pedro II.
(2) Cachimbo.
(3) Fumar cachimbo.

251.

Da desgraça a lei fatal
Me privará de te ver,
Mas não d'alma ha de tirar-me
A gloria de te querer.

(*Piauhy.*)

252.

Dentro de meu peito tenho
Dois engenhos de moer:
Um anda, outro desanda,
Assim faz quem quer viver.

(*Idem.*)

253.

Dentro de meu peito tenho
Duas espinhas de peixe :
Uma me diz que te ame,
Outra me diz que te deixe.

(*Ibidem.*)

254.

Dentro de meu peito tenho
Uma tola opinião :
Não corro sem ver de que,
De susto não morro, não.

(*Ibidem.*)

255.

D'estes dois fataes extremos
Qual devemos escolher :

Ver morta a mulher amada
Ou vel-a em outro poder?

(*Piauhy.*)

256.

Deito na cama, não durmo,
Meu semblante fica em chamma,
Por caçar e não achar-te
No canto de minha cama.

(*Minas.*)

257.

Dentro de meu peito tenho
Duas cartas por abrir :
Uma de saber amar,
Outra de saber sentir.

(*Idem.*)

258.

De cima cahiu um cravo
Todo coberto de véo;
As moças' tão nos meus braços
E as velhas' tão no mundéo.

(*Ibidem.*)

259.

Deixe a lua lumiar,
Deixe o sol resplandecer (1);
Mas eu deixar de te amar
Isso não posso fazer.

(*Ibidem.*)

(1) Observa se aqui a ellipse da ligação : deixe a lua *de* lumiar, deixe o sol *de* resplandecer.

260.

De teus braços para dentro
Não admitta mais ninguem;
Espere, tenha paciencia,
Que eu mesmo serei seu bem.

(*Minas.*)

261.

Depois de um peito querer,
Do coração agradar,
Não ha no mundo poder
Que faça um bem se apartar.

(*Idem.*)

262.

Dá-me um beijinho de longe,
Bemzinho do coração,
Já que de perto não posso
Gosar a tua affeição.

263.

Desbotôa teu collete,
Deixa ver teu camisote,
Quero ver teu peito ingrato
Causador de minha morte.

(*Minas.*)

264.

De longe eu te trago perto,
Perto do coração meu,

Porque dentro de meu peito
Eu tenho um retrato teu.

(*Minas.*)

265.

Dentro de meu peito eu tenho
Uma tesoura sem eixo :
Esteja certa, meu bem,
Que por outra não te deixo (1).

(*Idem.*)

266.

Da minha casa p'ra tua
Já foi estrada real.
Mas agora é matta virgem
Coberta de cipoal.

(*Ceará.*)

267.

D'estes rapazes d'agora
Não ha nenhum que nem eu ;
Só ajustei casamento
Depois que meu pae morreu.

(*Parahyba.*)

268.

Eu não canto ao desafio
Nem que me pague a tostão ;
Por causa de um desafio
Já dei c'um cabra no chão.

(*Minas.*)

(1) Observa-se nesta quadra um caso interessante de Syllepse.

269.

Eu não canto ao desafio
Nem que me pague a pataca :
Por causa de um desafio
Já dei c'um cabra na faca.

(*Minas.*)

270.

Eu tenho um sacco de verso
Dependurado do oitão :
Si ocê duvida commigo
Eu dou c'o sacco no chão.

(*Idem.*)

271.

Eu' tava cheirando um cravo
Que uma morena me deu :
Já ia tomando o cheiro
Quando a peroba (1) desceu.

(*Ibidem.*)

272.

Eu prometti que voltava,
Aqui estou, como tu vês :
Quero matar as saudades
Para voltar outra vez.

273.

Estrellas miudinhas
Põem o ceo muito composto ;

(1) Cacete.

Nunca pude, vidinha,
Falar comtigo a meu gosto.

(*Minas.*)

274.

Esses olhos têm meninas,
Essas meninas têm olhos;
Os olhos d'essas meninas
São meninas dos meus olhos.

275.

Eu vivo sem esperanças,
De glorias destituido;
Só tenho prantos, angustias,
Saudades de um bem perdido.

276.

Esta noite eu dei um ai
Que rompeu a terra dura,
As estrellas responderam
« Grande ai de creatura ! »

(*Sergipe.*)

277.

Eu botei o pé no estribo,
Meu cavallo estremeceu;
Adeus, senhores que ficam,
Quem vae s'embora sou eu.

(*Rio Grande do Sul.*)

278.

Estava dentro de meu peito
Duas pombinhas criando;

Uma voou, foi — s'embora,
Outra ficou mariscando.

279.

Embora da Europa venham
Batalhões aos mil e mil,
Nossos braços, nossos peitos
São muralhas de Brasil.

(*historica - Bahia*) (1).

280.

Eu tinha o preto por luxo,
O branco por galizia (?),
O verde por esperança
De inda te ver algum dia.

(*Minas.*)

281.

Eu subo sera de fogo
Com *pracata* (2) de algodão,
Desço da ponta das *nuves*
Com dez coriscos na mão.

(*Idem.*)

282.

Esta noite eu vou-me embora
Com *siá* Maria Candeia;
Si a noite estivér de escuro
Os *óio* d'ella me *alumeia*.

(*Ibidem.*)

(1) Esta quadra irrompeu por occasião da lucta na Bahia pela consolidação da nossa Independencia em 1823.

(2) Por alpercata.

283.

Eu quero bem ás *muié*
Porque d'ellas sou nascido,
Pois não quero que ellas *diga*
Que sou mal agradecido.

(*Minas.*)

284.

Eu entrei de mar a dentro
P'ra brigar c'os *tubarão*.
Cabra do mar não me vence :
Que fará cabra do chão ?

(*Idem.*)

285.

Eu era um ente na terra,
Tu eras um cherubim !
Deus tirou-te dos seu anjos,
Não nasceste para mim.

286.

Esse coração ingrato
Que nada póde abalar,
Petrificando meu pranto
Não tem dó do meu penar.

287.

Em qualquer parte que esteja
Sem ti não posso passar ;

Eu não vivo para o mundo,
Só vivo para te amar.

(*Minas.*)

288.

Eu no mundo nunca achei
Quem tanto amor me quizesse,
Tambem nunca deparei
Quem tanta pena me desse.

(*Idem.*)

289.

Este poeta falou,
Eu tambem quero falar;
O verso que elle botou
Eu tambem quero botar

(*Ibidem.*)

290.

Em riba d'aquella serra
Tem um pé de algodão
Quem *casá* com *muié véia*
Tem pellanca p'ro feijão.

(*Ibidem.*)

291.

Esta vida não me serve,
Não nasci para pingueiro (1).
Bato bota (2), vou - m'embora
Para a terra do dinheiro

(*Ibidem.*)

(1) Pessôa pobre.
(2) Marcho a pé.

292.

Eu vi a morte pescando
Com isca de samburá
Quando a morte pesca peixe,
Que fome ella não terá?

(*Minas.*)

293.

Em riba d'aquella serra.
Corre agua sem chover :
Essas meninas de agora
Namoram sem conhecer

(*Idem.*)

294.

Estas meninas de hoje
Não querem sinão casar,
Botam panella no fogo
Mas não sabem temperar.

(*Ibidem.*)

295.

Em cima d'aquella serra
Passa agora um cidadão
C'uma moça na garupa
E uma velha no cambão.

(*Ibidem.*)

296.

Em cima d'aquelle morro
Ha um pé de massaranduba :

Quem nasceu empellicado
Vira, mexe, é corruscuba (1).

(*Minas.*)

297.

Eu sou cabra perigoso;
Quando pego a perigar;
Eu sou negro sem catinga,
Si quer venha me cheirar.

(*Idem.*)

298.

Eu sou cabra perigoso
Quando pego a perigar :
Filho de cobra caiana,
Neto de cobra *corá* (2).

(*Ibidem.*)

299.

Eu sou cabra perigoso
Quando pego a perigar :
Eu canto que nem cigarra,
Eu canto até *berrentar* (3)

(*Bahia.*)

300.

Eu sou cabra perigoso
Quando pego a perigar :
Eu mato sem fazer sangue
E engulo sem mastigar.

(*Minas.*)

(1) Valente, audaz.
(2) Coral.
(3) Por arrebentar : nesta corruptela observa-se um caso interessante de hyperthese.

3o1.

E' de devéra, (1) meu mano,
Bonito vou lhe *falá*.
Já tirei uma *mumbuca* (2)
No chifre de um *marruá* (3).

(*Minas.*)

3o2.

E' de devéra, meu mano,
Bonito vou lhe *falá* :
Quero que vancê me diga
Quantas pintas tem *cocá* (4).

(*Idem.*)

3o3.

E' de devéra, meu mano,
Bonito vou lhe *falá* :
Pinta branca, pinta preta,
Cada uma em seu *logá*.

(*Ibidem.*)

3o4.

E' de devéra, meu mano,
Bonito vou lhe *falá* :
Quero que vancê me diga
Quantas pintas tem gambá.

(*Ibidem.*)

(1) E' de verdade.
(2) Abelha.
(3) Boi bravo.
(4) Gallinha d'Angola.

305.

E' de devéra, meu mano,
Bonito vou lhe *falá :*
Uma na ponta do rabo,
Outra na volta da pá.

(*Minas.*)

306.

Eu sou cabra perigoso
Quando pego a perigar :
Eu dou um pulo p'ra cima
Apanho mosquitos no ar.

(*Idem.*)

307.

Essa dura ingratidão
Faz-me raiva e faz pavor :
Si não me podia amar,
Não me promettesse amor.

(*Ibidem.*)

308.

Eu peço por caridade,
Pelos mysterios da cruz :
Meus irmãos, deem uma esmola
Pelo sangue de Jesus.

(*Ceará.*)

309.

Eu já tive amor perfeito
Plantado no coração,
Mas mirrou á falta d'agua
Regada por tua mão.

310.

Encantos que já não góso
Mas que não posso esquecer,
Fazem de meus olhos tristes
Meu triste pranto correr.

311.

Eu já sei porque amor
Me quiz ditoso fazer :
Foi para ver de continuo
Meu triste pranto correr.

312.

Eu tenho uma namorada
Com cabellos de sapé :
Quanto mais ella os penteia,
Mais elles se põem em pé.

313.

Esses mares solitarios
Vou chorando transitar,
Mas depois ver-me-ão alegre
Si meu bem nunca mudar.

314.

Eu sou a tocha do morto
Com a luz já quasi extincta,

Ou como a negra mortalha
Que por preta não se pinta.

(*Ciganos.*)

315.

Erguei-vos, flores da noite,
Tristes rosas da manhã;
Velem umas sobre as outras
O tum'lo de minha irmã.

(*Idem.*)

316.

Envolto em tua mortalha
Meu coração tu levaste:
Antes comtigo se fosse
A vida que me deixaste.

(*Ibidem.*)

317.

Esta é a contingencia
Da infeliz creatura:
Soffrer dores, soffrer penas
Emquanto a existencia dura.

(*Ibidem.*)

318.

Estes mocinhos de agora
Já não sabem mais amar;
Fazem tudo quanto podem
Para as moças enganar.

319.

Estes mocinhos de agora
Só querem especular;

Procuram só moça rica
Para má vida lhe dar.

320.

Estes mocinhos de agora
Sentimento já não têm :
Fazem mil promessas falsas,
Dizendo que querem bem.

321.

Estes mocinhos de agora
Só nos querem enganar ;
Façamos nós outro tanto
Para taboa a todos dar.

322.

Estes mocinhos de agora
O seu prazer é mentir ;
Fingem tudo quanto podem
Para melhor conseguir.

323.

Estes mocinhos de agora
A vergonha já perderam,
E da ronha e da maldade
Muito succo já beberam.

324.

Eu amei-te tão sincero,
Taô santa e devotamente,

Que teu desprêzo só mostra
Seres ingrata, inclemente.

325.

Eu occulto o quanto posso
O que soffre o coração;
Soffre muito, mas não mostra
Nenhum signal de afflicção.

326.

Em paga de meus extremos
Dás-me cicuta a beber;
Em paga de teus desprezos
Hei de amar-te até morrer.

327.

Eu não quero mais amar
Nem achando quem me queira:
O primeiro amor que tive
Botou-me sal na moleira.

(*Rio de Janeiro.*)

328.

Eu já sei que alguem te disse
Que eu não queria te ver;
Não creias nessa tolice:
Hei de amar-te até morrer.

329.

Eu vi uma risadinha,
Era o meu bem de devéra:

Tomei reconhecimento,
Chorei por ver que não era.

(*S. Paulo.*)

330.

Embarquei numa canôa,
Fui rodando rio abaixo :
Fui fazer minha pousada
P'ra baixo d'aquelle salto.

(*Idem.*)

331.

Eu trepei naquelle morro
Para ver o sol nascer :
Enxerguei o mundo inteiro
Só meu bem não pude ver.

(*Ibidem.*)

332.

Eu não tenho pae nem mãe,
Sou sózinho neste mundo :
Sou filho das aguas claras:
Neto da areia do fundo.

(*Ibidem.*)

333.

Eu não sou da terra, não,
Eu sou lá do Tararé : (1)
Só procuro um cabra bom
P'ra rufar commigo o pé.

(*Ibidem.*)

(1) Itararé; fronteira dos Estados de Saõ Paulo e Paraná.

334.

Em cima d'aquella serra
Ha uma serra mais alta ;
Aqui ninguem não me quiz
— No mundo mulher não falta.

(*Minas.*)

335.

Eu subi nos altos montes,
Topei um menino em pé ;
Chorando lhe perguntei :
« Paixão de amor, o que é ? »

(*Piauhy.*)

336.

Eu amo a quem não me quer
E desprézo a quem me ama ;
Fujo de quem me procura,
Quero bem a quem me engana.

(*Idem.*)

337.

Eu venho de longes terras,
Passei por mattas medonhas ;
Venho sonhando comtigo....
Tu commigo tambem sonhas ?

(*Ibidem.*)

338.

Eu hei de morrer cantando
Já que chorando nasci,

Para ver si recupero
O que chorando perdi.

(*Piauhy.*)

339.

E' cachorro todo aquelle,
Cá na minha opinião,
Todo aquelle que foi dono
E depois se fez ladrão.

(*Idem.*)

340.

E' conselho que darei
A todo pae de familia :
Crie as filhas no trabalho,
Não deixe dançar quadrilha.

(*Minas.*)

341.

Eu vou dar a despedida
Por cima da rabilonga (?) :
Os moços mexem co'as moças,
Dizem depois que é candonga.

(*Idem.*)

342.

Em cima d'aquelle morro
Tem um pé de gravatá ;
Tambem tem uma carinha
Que de lá olha p'ra cá.

(*Ibidem.*)

343.

Eu plantei na minha porta
Salsa verde, verde salsa :

Pega na feia que é firme,
Larga a bonita que é falsa.

(*Minas.*)

344.

Eu pisei na canna verde,
A canna verde ringiu ;
Quando eu fui tomar amor
Papae nem Mamãe não viu.

(*Idem.*)

345.

Eu não visto calça justa
Nem tambem larga demais.
Eu não quero amor deixado
Que os outros não querem mais.

(*Ibidem.*)

346.

E'hoje segunda feira,
Principio de uma semana :
Menina si ocê me quer,
Muda a roupa e não me engana.

(*Ibidem.*)

347.

Eu trepei num pé de cravo
Para ver o que avistava ;
Cada folha que cahia
Era um suspiro que eu dava.

(*Ibidem.*)

348.

Essa noite eu acordei
Dando suspiros e ais ;

Viro de um lado p'ra outro,
Cada vez suspiro mais.

(*Minas.*)

349.

Eu tratei meu casamento
De baixo do alecrim :
A moça me deu a taboa
— Bom p'r' ella, melhor p'ra mim.

(*Idem.*)

350.

Esta vae por despedida
Como deu a pintasilga :
Adeus, coração de prata,
Perdição da minha vida !

(*Ibidem.*)

351.

Esse lenço representa
A nossa grande amizade ;
Cada ponto amor indica,
Cada letra uma saudade,

(*Ibidem.*)

352.

Eu não fio na mulher
Nem que ella esteja dormindo :
Os olhos estão fechados,
Sobrancelha está bolindo.

(*Ibidem.*)

353.

Eu subo serra de fogo
Com' percata de algodão ;

Desço da ponta das nuvens
Com dois coriscos na mão.

(*Minas.*)

354.

Eu tenho a minha viola,
Ninguem nella põe a mão;
Só si for minha cunhada,
A mulher de meu irmão.

(*Ceará.*)

355.

Eu quero, meu bem, eu quero,
Eu quero meus tristes ais;
Eu quero brincar comtigo
E sem ti com ninguem mais.

(*Minas.*)

356.

Eu tenho um rosario bento,
Padre Nosso de latão;
Quando quero ver as moças
Ponho as velhas no cambão.

(*Idem.*)

357.

Eu tenho um laço de fita
D'aquella mais carmezim,
Para laçar meu bemzinho
Quando passar no jardim.

(*Ibidem.*)

358.

Eu quero, meu bem, eu quero,
Comtigo fazer primor;

Ainda que tu não queiras
Eu sempre sou teu amor.

(*Minas.*)

359.

Eu plantei um pé de cravo,
Nasceu um pé de quiabo ;
As moças são para mim,
As velhas para o diabo.

(*Idem.*)

360.

Essa viola que tóco
Tambem sabe querer bem :
Quando ella me vê chorando
Chora commigo tambem.

(*Ibidem.*)

361.

Eu vou dar a despedida
Que a viola mandou dar ;
Acabando d'este verso
A viola ha de parar.

(*Ibidem.*)

362.

Essa noite eu tive um sonho
Que meu bem'tava no matto,
Todo coberto de folha,
Todo roido de rato.

(*Ibidem.*)

363.

Esse suspiro que dou
Do fundo d'alma me vem,

Não é suspiro de nada,
E' saudade de meu bem.

(*Minas.*)

364.

Eu joguei um limão doce
Pela cachoeira abaixo ;
Quanto mais o limão desce
Mais moça bonita eu acho.

(*Idem.*)

365.

Esta noite á meia noite
Vi cantar um gavião ;
Parecia que dizia
« Meu amor, meu coracão. »

(*Ibidem.*)

366.

Eu cá sou aquelle ferro
Feito de aço temperado
Que tudo tenho vencido.
— Só você me tem custado.

(*Ibidem.*)

367.

Eu não tenho dó do rico
Nem do pobre que não tem.
Tenho dó do triste amante
Que dispõe a querer bem.

(*Ibidem.*)

368.

Eu vou dar a despedida
No caminho de Congonha ;

O *rabicho* quando é muito
Bota os homens sem vergonha.

(*Minas.*)

369.

Eu vou dar a despedida
Como deu o tico-tico;
Foi voando, foi dizendo:
« Sem amor aqui não fico. »

(*Idem.*)

370.

Eu vou dar a despedida
Como deu a saracura;
Foi sahindo, foi dizendo:
« O mal de amor não tem cura. »

(*Ibidem.*)

371.

Esta noite eu chorei tanto
Que apaguei o pó da rua:
Quem chora por seu amor
Não é vergonha nenhuma.

(*Ibidem.*)

372.

Eu trago a minha garrucha
Carregada até no meio
P'ra matar moça bonita
Que namora moço feio.

(*Ibidem.*)

373.

Eu sou aquelle que diz,
Depois de dizer não nego:

« Amor falso neste mundo
E' cousa que eu arrenégo. »

(*Minas.*)

374.

Esses versos vão *lhe* ver,
Vão tambem *lhe* visitar ;
Eu por não poder ir lá
Mandei-os em meu logar.

(*Idem.*)

375.

Eu queixo, vancê se queixa,
Não sei qual terá razão :
Vancê queixa de meus erros,
Eu da sua ingratidão.

(*Ibidem.*)

376.

Eu moro dentro da lima
Entre a casca e o bagaço ;
Deixar de um amor por outro
E' coisa que eu não faço.

(*Ibidem.*)

377.

Eu tenho razão forçosa
De ter ciumes de ti ;
A minha suspeita é certa :
Ninguem me contou — eu vi.

(*Ibidem.*)

378.

Eu vou dar a despedida
Como deu o São José :

Foi sahindo, foi dizendo :
« 'Té 'manhã, si Deus quizer. »

(*Minas.*)

379.

Eu quero encontrar co'a morte
Que boas coisas lhe digo ;
Eu quero lhe perguntar
Que demanda tem commigo.

(*Idem.*)

380.

Eu entrei de mar à dentro
Fui brigar c'os *inguilez*,
Tomei chumbo derretido,
Levei bala sete *vez*.

(*Ceará.*)

381.

Eu andei o mar em roda
Com uma vela branca accesa,
Em todo mar achei fundo
E no teu peito, firmeza.

(*Idem.*)

382.

Eu vi a rola gemer,
Me puz a considerar :
« Pois um *passo* (1) tão pequeno
Já quer bem, já sabe amar ? »

(*Parahyba.*)

(1) Passaro.

383.

Esta noite andei de ronda
Como rato na parede,
Procurei, mas não achei,
O punho de tua rede.

(*Ceará.*)

384.

Eu fui aquelle que disse,
E como disse não nego :
Levo faca, levo chumbo,
Morro sôlto e não me entrego.

(*Idem.*)

385.

Eu vi teu rasto na areia,
Me puz a considerar :
« Grande mimo tem teu corpo
Que o rasto me faz chorar ! »

(*Ibidem.*)

386.

Eu passei na tua porta
E batti na fechadura ;
Eu falei, tu não falaste,
— Coração de pedra dura !

(*Ibidem.*)

387.

Eu te mando o coração,
Repara bem si é o meu ;

Acceita lembranças minhas
E manda um retrato teu.

(*Ceará.*)

388.

Foge, lua envergonhada,
Retira-te lá do ceo,
Que os olhos da minha amada
Teem mais brilho que o teu.

389.

Fiquei vencido de todo,
Todo o socego perdi
Desde o dia venturoso
Em que, menina, te vi.

390.

Fogem-te.... e vaes atraz d'ellas,
Fazem-te mal.... e perdôas!
No fim de tudo as mulheres
São tão más.... e são tão bôas!

391.

Fui na fonte beber agua
Debaixo da flor de murta:
Foi só p'ra ver os teus olhos,
Que a sêde não era muita.

(*Minas.*)

392.

Fui descendo pr' aqui abaixo,
Encontrei a ciganada.

Barganhei meu macho preto
Pr' uma mulinha queimada (1).

(*Minas.*)

393.

Fui descendo p'r aqui abaixo
Numa canôa furada,
Arriscando minha vida
P'r uma coisinha de nada.

(*Idem.*)

394.

Fui descendo p'r aqui abaixo
Com meu lacinho na mão,
Laçando moça bonita,
Solteira — casada, não.

(*Ibidem.*)

395.

Foge no bosque a queixada,
Foge na matta o tapir.
Só o desgraçado escravo
Não tem para onde fugir.

(*Ibidem.*)

396.

Formosinha, inconsolavel,
Entre prantos eis-me aqui :

(1) Esta quadra tem por complemento a seguinte :

E voltei cinco mil réis
E uma faca apparelhada.
Quando penso que ganhei
Levo uma *manta* damnada.

O manjar que eu possuia
Foi comido.... eu não comi.

397.

Fui andando p'r um caminho,
Santo Antonio me chamou :
Até santo chama a gente,
Que fará quem tem amor?

(*S. Paulo.*)

398.

Fina lima lima o ferro
Seja duro como fôr;
Agrado captiva a gente,
Carinho faz ter amor.

(*Piauhy.*)

399.

Farinha com rapadura
Nagua fria faz geléa;
Tomo a *bença*, chamo tia
Quando vejo *mulhé véia*.

(*Minas.*)

400.

Fale de mim quem quizer,
Quem tiver sua paixão;
Pois foi muito de meu gôsto
Quem eu dei meu coração.

(*Idem.*)

401.

Fui andando p'r um caminho,
De tristeza puz-me a rir :

Encontrei uma formiga
Já com dores p'ra parir.

(*Minas.*)

402.

Fui no jardim passear (1)
P'ra alegrar meu dissabor :
Vi scripto com letra de ouro
O teu nome em cada flor.

(*Idem.*)

403.

Fui na horta apanhar salsa,
A cebola me picou ;
Fui rindo, voltei chorando :
Bonito ! — Quem me mandou ?

(*Ibidem.*)

404.

Fui na fonte beber agua,
Não foi sêde, não foi nada ;
Fui é ver o meu bemzinho
Debaixo da ramalhada.

(*Ibidem.*)

405.

Garrafão tem fundo largo,
Botija não tem pescoço,
Pedaço de telha é caco,
Banana não tem caroço.

(1) Ha aqui uma ligeira inversão. Entenda-se « Fui passear no jardim ».

406.

Gallinha tem duas *aza*,
Mas não tem duas *moella*,
O ovo tem duas *gemma*,
Uma branca, outra amarella.

(*Minas.*)

407.

Gasta o tempo a pedra dura,
A força que o ferro tem :
Só nunca póde gastar
Lembranças de ti, meu bem.

(*Piauhy.*)

408.

Gallo canta á meia noite,
E' signal de amanhecer :
Me bote d'aqui p'ra fóra,
Não me dê a conhecer.

(*Idem.*)

409.

Gallo canta á meia noite,
De madrugada tambem ;
Quem não tiver paciencia
Não se metta a querer bem.

(*Ibidem.*)

410.

Gallo canta todo dia,
Canta o gallo toda hora,

Mas não é alcoviteiro
De quem ama fóra d'hora (1)

(*Minas.*)

411.

Gósto muito das Marias
Por duas cousas que têm :
Têm a bocca pequenina,
Não falam mal de ninguem.

(*Idem.*)

412.

Ha duas coisas no mundo
Que me *faz* admirar :
Trem de ferro andar no chão,
Telegramma andar no ar.

(*Ibidem.*)

413.

Ha tres dias que não como,
Ha quatro que não almoço ;
Por falta de teus carinhos
Quero comer, mas não posso.

(*Ibidem.*)

414.

Ha quem seja reo de morte
Sem consciencia de o ser :
Digam, si podem, teus olhos
Si não nos fazem morrer.

(1) Fóra de horas.

415.

Hei de pegar nos meus olhos,
Hei de os furar c'um pauzinho;
Os meus olhos são a causa
D'eu andar por mau caminho.

416.

Hei de me pôr a cantar,
Já que chorando nasci,
Para ver si recupero
O que chorando perdi.

417.

Hei de romper embaraços,
Bemzinho, por te servir :
Não temo perder a vida,
Que para morrer nasci.

(*Piauhy.*)

418.

Ha duas coisas no mundo
Que dão confusão na gente :
E'padre ir para os infernos
E doutor ficar doente.

(*Minas.*)

419.

Ha duas cousas no mundo
Que meu coração não quer :

E' piolho de gallinha
E ciume de mulher.

(*Minas.*)

420.

Ingrata, porque me foges,
Porque me fazes soffrer ?
E' inutil me fugires,
Hei de amar-te até morrer.

(*Bahia.*)

421.

Inda agora é que cheguei,
Inda não saudei ninguem :
Boa noite p'r' as senhoras
E' para os homens tambem.

(*Minas.*)

422.

Inhame verde é veneno.
E' veneno de matar :
Moreninha eu vou morrer,
Somente p'ra não casar

(*Idem.*)

423.

Inda tenho uma esperança
De teu carinho gozar,
Si a vida me proteger,
Si a morte não me levar.

(*Ibidem.*)

424.

Ingrata, eu bem te dizia
Que isto havia de ter fim.

Olha como sahiu certo :
Já te esqueceste de mim !

(*Minas.*)

425.

Inda depois de enterrado
Debaixo do frio chão,
Verás teu nome gravado
No meu terno coração.

(*Ceará.*)

426.

Já tive dias felizes,
Já zombei da sorte austera ;
Perdi os mimos de outr'ora,
Já não sou quem dantes era.

(*Rio Grande do Sul.*)

427.

Já te dei tudo que tinha,
Nada mais te posso dar ;
Cessa, ó cessa teu desprezo,
Não tens mais que desprezar.

428.

Joguei o laço na moça,
O laço cahiu no chão.
A moça me respondeu :
« D'esta vez eu não vou, não ».

(*Minas.*)

429.

Já perdi toda esperança
De vencer o teu rigor.

Este peito não se cança
De jurar-te infindo amor.

430.

Juntinho da cruz quebrada
Enterrei meu coração,
Porque ali a namorada
Me jurou sua affeição.

(*Minas.*)

431.

Já rompi mil embaraços,
Já dispuz a natureza,
Sómente para te amar
Cada vez com mais firmeza.

(*Piauhy.*)

432.

Já toquei fogo no templo
Onde fazia oração ;
Ja deitei tudo por terra
Feito pó, cinza, carvão.

(*Idem.*)

433.

Já te quiz, hoge não quero,
Já te perdi a affeição ;
Fui obrigado a tirar-te
Fóra do meu coração.

(*Minas.*)

434.

Já te podia ter dado
O meu leal coração,

Mas receio que tu faças
D'elle pouca estimação.

435.

Já sou velho e tive gôsto,
Morro quando Deus quizer;
Duas cousas me acompanham:
Cavallo bom e mulher.

(*Parahyba.*)

436.

Junto co' a minha viola
Eu ando de *arretirada*:
Ella se queixa de sol,
Eu de queda e de topada.

(*Ceará.*)

437.

Já se quebraram os laços
Em que preso me tiveste:
Já tomaste outros amores
— Foi favor que me fizeste.

(*Idem.*)

438.

Kágado é bicho perrengue (1),
Mas ateima até chegar:
O meu amor é constante
— Inda vem a te alcançar.

(*Minas.*)

(1) Tardonho, moroso.

439.

Laranjeira pequenina
Carregadinha de flores;
Eu tambem sou pequenina
Carregadinha de amores.

(*Minas.*)

440.

Lá vae a garça voando
Co'as pennas que Deus lhe deu;
Contando penna por penna
Mais penas padeço eu.

441.

Labatut jurou a Pedro,
Quande lhe beijou a mão,
Botar fóra da Bahia
Esta maldita nação!

(*historica-Bahia*) (1).

442.

Lá no alto d'aquelle morro
Passa boi, passa boiada;
Tambem passa moreninha
De trancinha cacheada.

(*Minas.*)

(1) Quadra allusiva á expulsão das tropas da Metropole, da Bahia, em 1822-1823 (Guerra da Independencia).

443.

Limoeiro, baixa a rama
Que eu quero tirar limão :
Quero tirar uma nódoa
Que tenho no coração.

(*Minas.*)

444.

Lavanta a saia, mulata,
Não deixa a saia arrastar :
A renda custa dinheiro,
Dinheiro custa a ganhar.

445.

Lá do ceo cahiu um cravo
Que do alto se desfolhou :
Quem quizer casar commigo
Vá pedir quem me criou.

(*Minas.*)

446.

Lá no cume da tristeza,
No centro da soledade,
Nutriu-se o meu coraçâo
Soffrendo a dor da saudade.

447.

Laranjeira atraz da porta
Que laranja póde dar ?

A moça namoradeira
Que marido pode achar?

(*Minas.*)

448.

Lirio branco, lirio preto,
Lirio da minha almofada;
Dia que não vejo lirio
Não coso, não faço nada.

(*Idem.*)

449.

Lá em baixo no Parahyba
'Travessei o rio a nado;
Com Maria na garupa
Quasi morri afogado.

(*R. de Jan.*)

450.

Lá detraz d'aquella serra
Tem um pé de abob'ra d'agua;
Quando eu olho a sua cara
A minha bocca enche d'agua.

(*Minas.*)

451.

Lá detraz d'aquella serra
Tem uma fita voando;
Não é fita, não é nada,
E' meu bem que está penando.

(*Idem.*)

452.

Lá se vae o sol entrando
Redondo como um botão;

Alegria aos camaradas (1)
E' tristeza p'r' o patrão.

(*Minas.*)

453.

Morena, minha morena,
Rainha do mutirão;
Não ha ninguem que te eguale
Nas rodas d'este sertão.

(*Idem.*)

454.

Minha esperança morreu,
Eu botei lucto por ella:
Um palitó encarnado
E uma saia amarella.

455.

Minha sinhá, quero mana,
Quero mana de Lorena:
P'ra te deixar eu não posso,
P'ra te levar tenho pena.

(*S. Paulo.*)

456.

Menina dos olhos pretos,
Sobrancelhas de retroz,
Dá um pulo na cozinha,
Vae' quentar café p'ra nós.

(1) Trabalhador de roça, jornaleiro.

457.

Mosmo quando de ferir-nos
A desgraça não se cança,
Entre as dores mais acerbas
Nunca se perde a esperança.

458.

Meu divino Espirito Santo,
Divino e celestial,
Vós na terra sois pombinha,
No ceo, pessoa real.

(*R. de Jan.*)

459.

Mente quem diz nesta vida
Muitos males ter soffrido.
Só de um mal a gente soffre :
E' do mal de ter nascido.

460.

— Menina de saia branca
Que fazes no teu quintal?
— 'Stou lavando meu lencinho
Para o dia de Natal.

(*Rio Grande do Sul.*)

461.

Minha viola está dizendo
Que a prima está c'uma dor;

Minha gente, venha ver
A fama do cantador.

(*Rio Grande do Sul.*)

462.

Meu amor mora na roça
Na figura de um ratinho ;
Roe aqui, roe acolá,
Vae seguindo o seu caminho.

(*Minas.*)

463.

Meu amor mora na roça
Na figura de um sapinho ;
Pula aqui, pula acolá,
Vae andando seu caminho.

(*Idem.*)

464.

Meu amor é pequenino,
Do tamanho de um botão :
De dia trago no peito,
De noite no coração.

(*R. de Jan.*)

465.

Mamãe, eu tenho um segredo
Que vou contar amanhã ;
E' lindo como são lindos
Os olhos de minha irmã.

(*Infancia.*)

466.

Mamãe, mamãe, dae-me agua,
Oh, meu Deus, que sêde eu tenho !

Mamãe, que doce gostoso
Comi no ceo, d'onde venho.

(*Infancia.*)

467.

Minha mana Mariquinhas
Vamos á praia passear,
Vamos ver a barca nova
Que do Ceo cahiu no mar.

(*Idem.*)

468.

Meu amor é um diamante,
Nem assim não digo bem :
O diamante tem preço,
Meu amor preço não tem.

(*Minas.*)

469.

Mulata, minha mulata,
Desconjuncta este quadril,
Que a mulata quando dansa
Tira fogo sem fusil.

(*Idem.*)

470.

Meu mano, meu camarada,
Tudo no mundo é assim :
Commigo ocê fala de outros,
C'outros' cê fala de mim.

(*Ibidem.*)

471.

Muito sinto ser captivo,
Servir a muito senhor ;

Um manda, outro desmanda,
Cada qual com seu rigor.

(*Minas.*)

472.

Menina, por Deus the peço,
Por Deus lhe torno a pedir :
Nesses braços onde eu durmo
Não deixe a outro dormir.

(*Idem.*)

473.

Minha gente, venham ver
Cousa que nunca se viu :
O tição brigou co' a braza
E' a panellinha cahiu.

(*Ibidem.*)

474.

Meu querido e amado bem
A quem sempre idolatrei,
Inda que me custe a vida
Sempre firme te serei.

(*Ibidem.*)

475.

Minha mãe era uma rata,
Meu pae um sacirêrê ;
Minha mãe morreu de fome,
Meu pae de tanto *comê*.

(*Ibidem.*)

476.

Meu bemzim (1), bocca de cravo,
Capella de São João,
Cadeado de meu peito,
Chave do meu coração.

(*Minas.*)

477.

Morreria consolado,
Sem desgosto nem receio,
Ai! si fosse sepultado
Na covinha de teu seio!

(*Idem.*)

478.

Muito padece quem ama,
Mais padece quem te adora,
Mais padece quem não vê
Cada instante sua senhora.

(*Ibidem*)

479.

Meu bemzinho, diga, diga,
Por sua bocca confesse :
Si já no mundo se achou
Quem tanto amor lhe quizesse.

(*Ibidem.*)

480.

Morena, minha morena,
Thesouro do meu viver,

(1) Em o Norte de Minas o suffixo diminutivo é *im* e não *inho*.

Muito tenho de sentir
No dia em que te perder.

(*Minas.*)

481.

Moça bonita é veneno,
Mata tudo que é vivente :
Embebeda as creaturas,
Tira a vergonha da gente.

(*Idem.*)

482.

Menina, toma seu lenço
Que eu achei no areão ;
Numa ponta cheira a cravo,
Na outra a mangerição.

(*Ibidem.*)

483.

Menino, segura a bola,
Não deixe a bola virar :
A bola custa dinheiro,
Dinheiro custa a ganhar.

(*Ibidem.*)

484.

Minha tropa já chegou
E a *boneca* (1) ficou lá.
Deito na cama e não durmo,
Meu allivio é só *chorá*.

(*Ibidem.*)

(1) Enfeite com que os tropeiros guarnecem a *madrinha* da tropa e é como um amuleto em favor do bom successo das viagens.

485.

Meu amor' stá mal commigo,
Eu não sei qual a razão ;
Si é por falta de carinho
Dou-lhe inteiro o coração.

486.

Mesmo no auge da gloria
Não tem gloria o coração,
Porque nelle sempre pesa
Alguma recordação.

487.

Menina dos olhos negros,
Ardo por ti de paixão ;
Menina dos olhos negros,
Queres tu meu coracão?

488.

Me prendam a sete chaves
Que assim mesmo hei de sahir;
Não posso ficar em casa,
Não posso em casa dormir.

489.

Me chamam da cor do jambo
A razão não sei porque ;
O certo é que fica bambo
Todo moço que me vê.

490.

Muito embora ausente viva
De quem jurei adorar,
Minha fé, minha constancia
Não póde o tempo acabar.

491.

Minhas trovas sem poesia
Não te inspiram compaixão :
Quem me dera uma harmonia
Que te fosse ao coração !

492.

Morreste silencioso,
De ninguem te despediste ;
Do mundo nada quizeste,
Ao mundo nada pediste.

(*Ciganos.*)

493.

Mulatinha feiticeira
Da saia cor de melado,
Fico mal quando te vejo,
Você bota mau olhado.

494.

Meu destino é immudavel,
Minha desgraça, constante;
Eu choro todos os dias,
Eu suspiro a cada instante.

495.

— Menina, por que razão
Eu passo, sae da janella?
— E' quando vou na cozinha
Botar fogo na panella.

496.

Meu pensamento está longe,
Lá no alto, na amplidão,
Mais longe, muito mais longe
Do que sobe o gavião.

(*Rio Grande do Sul.*)

497.

Meu amor fugiu de mim,
Pulado pela janella :
Ella vive bem contente,
Eu ando louco por ella.

(*S. Paulo.*)

498.

Moço que namora e engeita
Não passa de vil *coió* (1) ;
Por fóra muita farofa,
Por dentro mulambo só.

(*Rio de Janeiro.*)

499.

Meu dinheiro' tá pouquinho,
Eu com Maruca não gasto ;

(1) Namorado sem ventura.

Meu dinheiro' tá cortado,
Dá só p'ra aluguel de pasto.

(*S. Paulo.*)

500.

Maruca já foi s'embora
P'ra a cidade da Bahia ;
Pois si ella me convidasse
Na certeza tambem ia.

(*Idem.*)

501.

Moça, dê cá suà mão,
Seu pulso eu quero tomar :
Si a doença fôr saudade
Seu bemzinho chega já.

(*Ibidem.*)

502.

Me leve *num sufragente* (1)
Onde meu bemzinho está :
Minha doença é querer bem,
Inda póde me matar.

(*Ibidem.*)

503.

Menina, quando eu morrer,
Não enterre no sagrado (2) ;
Enterre no matto grosso
Que é logar dos desgraçados

(*Ibidem.*)

(1) Num ápice.
(2) Cemiterio.

504.

Menina, seu pae é rico,
Só bota chapeo de banda ;
Toma cuidado, menina,
Que a roda anda e desanda.

(*Minas.*)

505.

Mulata, busca outra vida,
Não me arrelie mais não :
O marimbondo suicida
Quando perde o seu ferrão.

(*Idem.*)

506.

Mulatinha bonitinha
Não devia de nascer :
E' como a fructa madura
Que todos querem comer.

(*Ibidem.*)

507.

Meu amigo e companheiro
Uma cousa vou dizer :
Pára com suas cantigas
Si ocê inda quer viver.

(*Goyaz.*)

508.

Meu amigo e companheiro,
Um favor lhe vou pedir :

Quebre, quebre essa viola,
Deixe a gente divertir.

(*Goyaz.*)

509.

Minha viola, caboclo,
Não quebro, não quebro, não,
Que esta tyranna é que alegra
A gente nesta funcção.

(*Idem.*)

510.

Meu amigo e companheiro,
Um favor vou lhe pedir :
Esse verso que botou
Não me torne a repetir.

(*Ibidem.*)

511.

Meu amigo e companheiro,
Agora vou lhe dizer :
Carro não anda sem boi,
Eu não canto sem beber.

(*Ibidem.*)

512.

Moça que pita (1) cigarro
Na minha cama não deita,
Que a fumaça do cigarro
Meu coração não acceita.

(*Minas.*)

(1) Fuma.

513.

Menina, minha menina,
Coração de espada núa :
Acorda quem está dormindo,
Consola quem está na rua.

(*Minas.*)

514.

Meu coração fugitivo
Fugiu de cá para lá :
Serve-te d'elle constante,
Me manda o teu para cá.

(*Piauhy.*)

515.

Menina, si perguntarem
Quem cantou fóra de hora,
Dize que foi um canario,
Batteu azas, foi s'embora.

(*Idem.*)

516.

Menina, teu passarinho
De minha mão se soltou ;
Para mais me maltratar
Pennas na mão me deixou.

(*Ibidem.*)

517.

Mandei fazer um relogio
Da casca de um carangueijo

Para contar os minutos
Das horas que não te vejo.

(*Piauhy.*)

518.

Meu amor não é de rôgo,
Nem de rogar a ninguem :
Arrenego de amor firme
Que a troco de rogo vem.

(*Idem.*)

519.

Mulatinha, você tem
Quatro cousas de meu gôsto :
Perna grossa, bom cabello,
Corpo são, bonito rosto.

(*Ibidem.*)

520.

Minha mulata bonita
Esta noite fez da bôa :
Fez-me dormir no sereno
Como junco na lagôa.

(*Ibidem.*)

521.

Menina de saia branca
Rasteirinha pelo chão,
Na orla de tua saia
Navega meu coração.

(*Ibidem.*)

522.

Minha mulata bonita,
Teu cachorro me mordeu;

Eu, porem, como te amo
Namoro tudo que é teu.

(*Piauhy.*)

523.

Meu bemzinho da minh' alma,
Laço da minha paixão,
Si eu hei de viver sem ti,
Não quero ter vida, não.

(*Idem.*)

524.

Minha flor de laranjeira,
Minha laranja da China,
Nas horas que não te vejo
Meu coraçâo desatina.

(*Ibidem.*)

525.

Minha senhora me diga :
« Quem no mundo é seu amor?
Quero saber de que sorte
Hei de sentir minha dor. »

(*Ibidem.*)

526.

Minha janella quadrada
Feita de pedra morena,
Si eu não lograr os teus olho
Toda a vida terei pena.

(*Ibidem.*)

527.

Meu amor quando se foi
Nem de mim se despediu,

Num instante deu mil voltas,
De repente se sumiu.

(*Piauhy.*)

528.

Meu amor é um vidrinho
Feito com muita invenção,
Com qualquer arrufo quebra,
Não atura ingratidão.

(*Idem.*)

529.

Moça que dança quadrilha
Usa pouca *cerimonha* ;
Tem corpinho delicado
Mas a cara é sem vergonha.

(*Minas.*)

530.

Moça quando' tá dançando
Quer ser bonita e faceira ;
No galope que ellas dão
Se *conhece* as regateiras.

(*Idem.*)

531.

Menina de lenço branco,
Trata mas é de o queimar,
Que lenço branco é feitiço
E eu não quero enrabichar.

(*Ibidem.*)

532.

Meu amor ainda hontem
Pela porta me passou ;

Por causa da vizinhança
Nem o chapeo me tirou.

(*Minas.*)

533.

Menina, vamos jogar
O jogo da douradinha :
Si eu perder, você me ganha,
Si eu ganhar, você é minha.

(*Idem.*)

534.

Morena, si tu soubesses
O brilho que a rosa tem,
'Panhava sol e sereno (1)
P'ra ficar rosa tambem.

(*Ibidem.*)

535.

Me apeguei com Santo Antonio
P'ra casar c'uma crioula :
As almas *ganha* uma saia,
Santo Antonio, uma ceroula.

(*Ibidem.*)

536.

Menina, quem vos contou
Que esta noite serenou ? (2)
Deitado nos vossos braços
Sereno não me molhou.

(*Ibidem.*)

(1) Orvalho, rocio.
(2) Cahir orvalho.

537.

Minha sogra não me quer,
Nem seu cunhado tambem ;
Paciencia, minha sogra,
Sua filha me quer bem.

(*Minas.*)

538.

Morena, minha morena,
Sentemos e conversemos ;
E, si houver algum perigo,
Somos solteiros — casemos.

(*Idem.*)

539.

Meu coração é relogio,
Minh' alma dá badaladas ;
Nos dias que não te vejo
Eu trago as horas contadas.

(*Ibidem.*)

540.

Meu amor é pequenino,
Do tamanho de um botão :
De dia trago no peito
De noite no coração.

(*Ibidem.*)

541.

Minh' avó' tá me chamando,
— Forte birra de mulher ! — ;

Meu amor' tá em meus braços,
Hei de ir lá quande eu quizer.

(*Minas.*)

542.

Menina, minha menina,
Quando me vê, por que corre ?
Si é bonita me appareça,
Si é feia, por que não morre ?

(*Idem.*)

543.

Maria me deu um cravo
Sexta feira da Paixão :
Eu puz o cravo no peito,
Maria no coração.

(*Ibidem.*)

544.

Minha mãe é uma coruja,
Mora no ôco do pau ;
Meu pae, um cachorro velho
Tocador de birimbau.

(*Ibidem.*)

545.

Morena, si tu soubesses
Quanto te amo e quero bem,
Tu não rias nem brincavas
Perto de mim com ninguem.

(*Ibidem.*)

546.

Marimbondo pequenino
Que não sabe sociar,

Larga a terra, larga o mar
P'ra fazer casa no ar.

(*Minas.*)

547.

Meu bemzim quer que eu lhe rogue,
Eu não sei rogar ninguem :
Arrenégo dos amores
Que a poder de rôgo vêm.

(*Idem.*)

548.

Mandei fazer um barquinho
De galhinhos de alecrim,
Para embarcar meu bemzinho
Da horta para o jardim.

(*Ibidem.*)

549.

Menina, tome esse lenço
E não conte quem lhe deu ;
Adiante vae o lenço,
Atraz do lenço vou eu.

(*Ibidem.*)

550.

Meu pae chama João Caco,
Minha mãe Caca Maria.
Oh, meu Deus, com tanto caco
Sou filho da cacaria.

(*Ibidem.*)

551.

Morena, minha morena,
Chega tua bocca na minha ;

Teu corpo junta c'o meu
Como a faca na bainha.

(*Minas.*)

552.

Menina, me dá seu lenço
Para o meu rosto *enxugá ;*
Não sei o que tem seu lenço,
Quando eu peço ocê não dá.

(*Idem.*)

553.

Minha mãe chama-se Rosa,
Eu sou filho da Roseira :
Como não hei de gostar
De uma flor que tanto cheira ?

(*Ibidem.*)

554.

Minha faca apparelhada,
Minha garrucha na mão ;
Adeus, meu bemzinho, adeus,
Vou-m'embora p'r' o sertão.

(*Ibidem.*)

555.

Menina, enxerguei teu rasto
Lá na areia do sertão.
Morena, tem dó de mim
Que por ti tenho paixão.

(*Ibidem.*)

556.

Minha mula russa-bomba
Pintada de preto e branco,

Quando eu quero ver meu bem
Não tem morro nem barranco.

(*Minas.*)

557.

Mandei fazer um barquinho
Da casca de pau de cedro
Para mandar meu rival
Para as profundas do inferno.

(*Idem.*)

558.

Meu cavallo é russo pombo,
Minha mula é pangaré;
Meu cavallo põe a mão,
Minha mula põe o pé.

(*Ibidem.*)

559.

Minha faca apparelhada,
Minha garrucha laporte (1),
Encostado em meu amor
Não tenho medo da morte.

(*Ibidem.*)

560.

Menina dos olhos d'agua,
Me dá agua p'ra beber :
Não é sêde, não é nada,
E' vontade de te ver.

(*Ibidem.*)

(1) Egual ás fabricadas pelo industrial Laport, do Rio de Janeiro.

561.

Menina, fala o teu nome,
Que teu nome é bonitinho,
Parece laranja doce,
Sobejo de passarinho.

(*Minas.*)

562.

Meu lencinho bordadinho,
Escripto de A B C,
Dê d'aqui, dê d'acolá,
Meu sentido está n'ocê.

(*Idem.*)

563.

Menina, tu és o demo
Que só vive me tentando ;
Eu sou um corpinho santo
Que vive te acompanhando.

(*Ibidem.*)

564.

Menina, 'ocê é um anjo,
E'um lindo beija-flor.
O que vancê quer commigo
Diga-me, faça favor.

(*Ibidem.*)

565.

Menina, minha menina,
Toma *conseio* commigo ;

Deixa a porta meia aberta,
Meia noite eu 'tou comtigo.

(*Minas.*)

566.

Morena, minha morena,
Um favor vou lhe pedir :
Na cama em que nós deitarmos
Não consinta outro dormir.

(*Idem.*)

567.

Menina cambraia fina
Sua agulha me picou :
Você diz que não foi nada,
Seu amor me captivou.

(*Ibidem.*)

568.

Meu coração avoando
Junto do seu foi cahir ;
Sentiu a aza quebrada,
Nunca mais poude sahir.

(*Ibidem.*)

569.

Meu amor brigou commigo
Uma briga sem razão.
— Toma a faca, bebe o sangue,
Satisfaz teu coração.

(*Ibidem.*)

570.

Menina, quando morreres
Tapa esta cara c'um veo :

Não quero que a terra coma
Esta carinha do céo.

(*Minas.*)

571.

Menina, minha menina,
Hei de te matar com tiro,
Com garrucha de saudade
E com balas de suspiro.

(*Idem.*)

572.

Menina, teu pae é pobre,
Mas teu corpo é de velludo;
Inda que teu pae não possa
Teu corpinho paga tudo.

(*Ibidem.*)

573.

Menina, esses teus olhos
São dois navios mercantes;
De dia são duas tochas,
De noite, dois diamantes.

(*Ibidem.*)

574.

Meu filho, não vá brigar,
Que teu pae nunca brigou:
Inda hoje está doente
De uma surra que levou.

(*Ceará.*)

575.

Minha viola de pinho,
Meu instrumento real;

As cordas são estrangeiras
E o pinho de Portugal.

(*Ceará.*)

576.

Minha viola de pinho
Tem bocca para falar ;
Si ella tivesse olhos
Me ajudaria a falar.

(*Idem.*)

577.

Menina, teu pae é pobre,
Tua mãe carrega lenha ;
Menina, casa commigo
Que eu sou mulato gamenha.

(*Ibidem.*)

578.

Me trepei na bananeira,
Me enrolei com o mangará ;
Comi banana madura
Até o gato *miá*.

(*Ibidem.*)

579.

Mariquinha morreu hontem,
Hontem mesmo se enterrou ;
Na cova de Mariquinha
Nasceu um pé de *fulô*.

(*Ibidem.*)

580.

Menina, diga a seu pae
Que, si quer ser meu amigo,

Ou me paga o meu dinheiro,
Ou casa você commigo.

(*Ceará.*)

581.

Menina, por teu respeito
Vivo dormindo nos mattos,
Todo cobertodè cisco,
Todo roido de ratos.

(*Idem.*)

582.

Menina, quando te fores
M escreve lá do caminho;
Si não tiveres papel
Nas azas de um passarinho.

(*Ibidem.*)

583.

Meu bemzinho está doente,
De longe eu ouço os gemidos;
Grandes tormentos padece
Quem tem amor escondido.

(*Parahyba.*)

584.

Minha mãe me encommendou
Que eu não fosse á funccão,
Pois eu tenho a venta chata
Ia servir de mangação.

(*Ceará.*)

585.

Menina, dae-me um abraço
E um beijo por despedida,

Que me vou p'ra Matto Grosso
Findar por lá minha vida.

(*Ceará.*)

586.

Não ha vida tão contente
Como a nossa do sertão,
Quando o anno é bom de inverno (1)
Que no ceo ronca o trovão.

(*Parahyba.*)

587.

Não tenho medo dos homens
Nem do ronco que elles têm;
O besouro tambem ronca,
Vae-se ver, não é ninguem.

(*Rio Grande do Sul.*)

588.

Nesta rua tem um bode
Que se chama Escuridão,
Dentre d'elle mora um anjo
Que roubou meu coração.

(*Infancia.*)

589.

No jardim vi duas rosas
Enfeitando o mesmo galho:
Esparziam o mesmo aroma
E bebiam o mesmo orvalho.

(*Idem.*)

(1) Chuva.

590.

Não ames jamais, criança,
Não queiras saber de amor,
— Essa dor de sentimento
Suave, consolador.

591.

Nesta noite tão ditosa
E' bom que vós não durmais,
Porque tão alta ventura
E' justo que não percais.

(*Bahia.*)

592.

Não te dou meu coração
Porque não o posso arrancar;
Arrancando sei que morro,
Morta não posso te amar.

(*Infancia.*)

593.

No alto d'aquelle morro
Tem um pé de laranjeira;
Toda moça que vae lá
Volta toda regateira.

(*Minas.*)

594.

Não fazia da salsa verde
No fundo d'agua murchar;
Não fazia do meu amor
De tão cedo me deixar.

595.

Nestas veias cujo sangue
Muito cedo ha de exgotar,
Injecto o fel do ciume,
Não tem dó do meu penar.

596.

Neste mundo de incerteza
Dê d'aqui, dê d'acolá,
O mundo corre co'a sorte,
A sorte Deus é quem dá.

(*Minas.*)

597.

No jardim d'este meu peito
Já não pode amor nascer;
Nasceu saudade cruenta
Me fazendo padecer.

598.

Não é a magoa que tenho
Que me ha de devorar;
E'o tormento que soffro
De querer dissimular.

599.

Na astucia e no querer
E' inutil o rigor,
Porque têm maior poder
A mocidade e o amor.

600.

Noite escura, temerosa,
Relampo (1) que mette medo.
Si força d'amor é muita
Topada não quebra dedo.

(*Minas.*)

601.

Novos ares, novos climas
Irei longe respirar,
Lá mesmo serei ditoso
Si meu bem nunca mudar.

602.

Não ha cousa mais faceira
Que a mulata do Brasil :
Tem um olhar feiticeiro
Que illude a mais de mil.

603.

Não posso ver moça bella
Sem amor me titilar :
Sou feito de carne e osso
Por força me hei de dobrar.

(*Bahia.*)

604.

Não sei o que é ter orgulho
De constancia ou de firmeza :

(1) Relampago.

Eu só me orgulho de amar
A toda e qualquer belleza.

(*Bahia.*)

605.

Não fujas de mim, meu anjo,
Careço do teu amor
Como da gotta de orvalho
Carece na terra a flor.

606.

No meu rosto ninquem vê
Nenhum signal de afflicção:
Meu desgosto, minha dor
Eu guardo no coração.

607.

Na areia fina do chão
Vi o teu rasto sumido:
Um pequeno coração
E uma setta de Cupido.

(*Rio de Janeiro.*)

608.

Na hora do apartamento
Meu corpo todo tremia:
Veio me dizer adeus,
Meu coração me doia.

(*S. Paulo.*)

609.

Naquelle matto soturno
Eu briguei c'o tigre macho:

C'os roncos que o tigre dava
Tremia o matto por baixo.

(*S. Paulo.*)

610.

Nossinhor (1) chegou na terra
E parou na Diamantina, (2)
Descançou naquella serra
Pondo as riquezas nas minas.

(*Minas.*)

611.

Nasci nas bandas do norte,
Nas terras do *mulatinho* (3);
No chumbo grosso e na faca
Eu arrisco um bocadinho.

(*Idem.*)

612.

Na trança do meu cabello
Não me ponha a mão por pique.
Santinho, sou todo seu,
Quando quizer me pinique.

(*Piauhy.*)

613.

Não tem espinhos a rosa
Quando é de vidro o canteiro :
A mulher não tem ciume
Quando o amor é traiçoeiro.

(*Minas.*)

(1) Nosso Senhor.
(2) Municipio do Norte de Minas.
(3) Pau rijo usado como bengala ou cacête.

614.

Não penses que pela ausencia
Eu te perca a lealdade :
A mesma ausencia permitte
Querer-te bem na saudade.

(*Piauhy.*)

615.

Ninguem se julgue feliz
Inda estando em bom estado ;
Querendo, a tyranna sorte
Faz do feliz, desgraçado.

(*Idem.*)

616.

No meio de meu jardim
Tem um pé de gira-sol :
No meio de tanta gente
Agradei de você só.

(*Minas.*)

617.

Na estrada de Villa Rica (1)
Não se póde andar sózinho,
Que cigano mata a gente
Como mata passarinho.

(*Idem.*)

618.

Ninguem brinca com Joaquim
Pois só elle é meu brinquedo ;

(1) Antigo nome de Ouro Preto.

Joaquim é minha caixinha
Onde guardo o meu segredo.

(*Minas.*)

619.

Não te dou a rosa aberta
Onde batte todo vento :
Te dou o botão fechado
Com todo o seu cheiro dentro.

(*Idem.*)

620.

Nas azas do colibri
Tem roxo, tem furta-cor ;
Bemzinho, tu sejas firme,
Que por ti padeço dor.

(*Ibidem.*)

621.

Nunca vi carrapateira
Não dar cacho na raiz ;
Nunca vi moça solteira
Ter palavra no que diz.

(*Ibidem.*)

622.

Na folha da pimenteira
Tem um verde amarellado :
Na bocca de meu bemzinho
Tem um doce assucarado.

(*Ibidem.*)

623.

Não cuide que por 'star longe
O nosso amor se acabou,

Pois ainda está mais forte
Do que quando começou.

(*Minas.*)

624.

Não vejo prenda mimosa
Que te possa offerecer :
Só tenho o meu amor firme
Para dar-te até morrer.

(*Idem.*)

625.

No fundo do mar se cria
Rei dos peixes, nadador :
No mundo tambem se cria
Olhos pretos, *matador*.

(*Ibidem.*)

626.

Na hora em que Deus começa
Padre, Filho, Esp'rito Santo,
Quero me benzer primeiro
P'ra me livrar de quebranto.

(*Ibidem.*)

627.

No ventre da Virgem Pura
Entrou a divina graça ;
Como entrou tambem sahiu
Como o sol pela vidraça.

(*Ceará.*)

628.

Nesta viola de pinho
Cantam dois canarios dentro ;

Não póde ter bom juizo
Quem tem varios pensamentos.

(*Ceará.*)

629.

No tempo da secca grande
Neto brigava co' a 'vó,
Filho brigava co' a mãe
Pelo beijú de potó.

(*Parahyba.*)

630.

Não temo ponta de faca,
Nem bala de clavinote :
Eu só temo a Deus no ceo
E abaixo de Deus, a morte.

(*Ceará.*)

631.

No sertão é bello ver
A sariema cantar,
A onça roncar na serra,
A arara gritar no ar.

(*Parahyba.*)

632.

O rio Jequitinhonha
Junto á serra Vara-pau
E'rio tão semvergonha
Que cachorro passa a vau.

(*Minas.*)

633.

O' gallego pé de chumbo,
Calcanhar de frigideira,

Quem te deu auctoridade
De casar com brasileira?

(*R. de Jan.*)

634.

O' meu amor de tão longe,
Chega-te cá para perto,
Que me dóe o coração
De te ver nesse deserto.

635.

O' senhora mãe da noiva,
Saia fóra da cozinha,
Venha ver a sua filha
Como está tão bonitinha.

(*R. de Jan.*)

636.

O soldado que é valente
Passa a vida a batalhar;
O soldado que é mofino
Passa a vida a namorar.

(*Idem.*)

637.

O' de casa, nobre gente,
Escutai e ouvireis;
Lá das bandas do Oriente
São chegados os Tres Reis.

(*Bahia.*)

638.

O fado veio no mundo
Para amparo da pobreza:

Quando me vejo num fado
Não me importo co'a riqueza.

(*R. de Jan.*)

639.

O'senhor dono da casa,
Recebei esta bandeira,
Faça favor de entregal-a
A' quem tem por companheira.

(*Idem.*)

640.

O Divino entra contente
Nas casas mais pobrezinhas ;
Toda ésmola elle recebe :
Frangos, perús e gallinhas.

(*Ibidem.*)

641.

O Divino é muito rico,
Tem brazão e tem riqueza,
Mas quer fazer sua festa
Com esmolas da pobreza.

(*Ibidem.*)

642.

O bem é só o ausente
Só o alheio ou passado :
O mal (has de ter notado)
E' sempre a hora presente.

643.

O teu rosto de morena
Levemente tem a cor ;

Para o poder comparar
Não encontro uma só flor.

644.

O' mimosas farroupilhas
Cuidai bem vossos filhinhos,
Que a Patria muito precisa
D'esses mimosos bracinhos.

(*Rio Grande do Sul.*)

645.

O Divino Espirito Santo
E' um grande folião,
Amigo de muita carne,
Muito vinho e muito pão.

646.

O ceo cobriu-se de nuvens,
A terra toda tremeu,
Para me dar a noticia
Que a minha Lyria morreu.

(*Minas.*)

647.

O tatu é bicho manso,
Nunca mordeu a ninguem :
Inda que queira morder
O tatu dentes não tem.

(*Rio Grande do Sul.*)

648.

O pintor que pintou Anna
Tambem pintou Leonor ;

Si Anna sahiu mais formosa,
Que culpa tem o pintor?

(*Minas e R. Gr. do Sul.*)

649.

O meu peito só se abre
Co' esta chave pequenina ;
Lá bem dentro has de achar
Um retrato de menina.

650.

O'senhor dono da casa
Quer que lhe diga quem é ?
E'um cravo de amarantho
Com sua açucena ao pé.

(*Bahia.*)

651.

O Paulo, Ruivo e Madeira,
Todas tres numa janella,
Esfolando um pé de burro
Suppondo ser de vitella.

(*historica - Bahia*) (1).

652.

O Divino pede esmolas,
Mas não é por carecer,

(1) Critica do povo baiano aos cabos de guerra das forças mercenarias que combateram contra os nossos na Guerra da Independencia. Esta quadra tem por complemento a seguinte :

Só o Paulo foi quem poude
Tirar do burro a caveira,
Para mandar de merenda
Ao seu general Madeira.

Pede para exp'rimentar
Quem seu devoto quer ser.

(*R. de Jan.*)

653.

O Divino Espirito Santo
Hoge vos vem visitar,
Vem pedir-vos uma esmola
P'ra seu imperio enfeitar.

(*Idem.*)

654.

O Divino Espirito Santo
E' pobre, não tem dinheiro,
Quer formar o seu imperio
Com folhas de cajueiro.

(*Ibidem.*)

655.

Os ferros d'El Rei são duros,
Mas o de amor é mais forte;
Para os de El Rei ha lima,
Para os de amor só a morte.

(*Ciganos.*)

656.

O' Ciranda, ó Cirandinha,
Vamos todos cirandar;
Uma volta, meia volta,
Volta et meio vamos dar.

(*Infancia.*)

657.

O'Ciranda, ó Cirandinha,
Vamos todos cirandar;

Vamos ver dona Luiza
Que já está para casar.

(*Infancia.*)

658.

O anel que tu me deste
Era vidro e se quebrou :
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou.

(*Idem.*)

659.

— O' meninas, ó meninas,
Onde fostes passear?
— No jardim do rei de amores
Para lá contradançar.

(*Ibidem.*)

660.

O luxo do bom carreiro
E' ver o carro cantar :
Sete juntas de boi preto
E uma vara de tocar.

(*Minas.*)

661.

O seio de *siá* Janoca
(Eu attesto porque vi)
E'que nem leite coalhado ;
— Não sei como os não comi.

(*Idem.*)

662.

O rei me mandou *chamá*
P'ra *casá* com sua *fia ;*

O dote que ella me dava
Orópa, França e Bahia.

663.

O rio de São Francisco
Corre que desapparece;
No meio tem um remanso
Onde o meu amor padece.

(*Minas.*)

664.

O meu nome Zé Dengoso
Que na pia foi-me dado,
Zé Dengoso de Manteiga,
De meus parentes herdado.

(*Idem.*)

665.

O limão está azedo
Quando tem seu azedume:
Eu tambem fico azedinho
Quando tenho o meu ciume.

666.

O tempo tudo carcome,
Mesmo da pedra o letreiro;
Mas não gasta, não consome
Um amor que é verdadeiro.

667.

O amor entra pelos olhos,
Vae ao peito direitinho;

Si não acha resistença
Vae seguindo o seu caminho.

668.

O' pinheiro que dás pinha,
O' pinha que dás pinhão,
Quem possue amor tem zelos,
Quem tem zelos tem paixão.

669.

O desejo em peito triste
E' flor no sertão nascida,
Que vinga, floresce e morre
Sem se tornar conhecida.

670.

Os anjos cantam no ceo
Louvores ao Bom Jesus ;
Cantemos nós cá na terra
Louvores á Santa Cruz.

(*Minas.*)

671.

O' Virgem Nossa Senhora,
Cobri-me com vossa capa ;
Aqui estou a vossos pés,
Senhor Bom Jesus da Lapa.

(*Idem.*)

672.

Ocê disse que eu sou sua ;
S' eu sou sua eu não sei :

O mundo dá muita volta,
Eu não sei de quem serei.

(*Minas.*)

673.

O amor é uma cangalha
Que se bota em quem quer bem :
Si não quer levar rabicho,
Não tenha amor a ninguem.

674.

O inverno é rigoroso,
Bem dizia minha avó :
Quem dorme junto tem frio,
Que fará quem dorme só ?

675.

Os padres gostam de moça,
E os doutores tambem ;
Eu, como rapaz solteiro,
Gosto mais do que ninguem.

676.

Olhos negros e travessos
São p'ra mim settas de amor ;
Os azues matam a gente
Requebrados com langor.

(*Bahia.*)

677.

O meu peito não se cança
De jurar-te amor sem fim !

Ai! morreu minha esperança!
Quanto é triste amar assim!

678.

O' minha irmã Fortunata,
Si co' a nossa mãe falares,
Não contes meus soffrimentos
P'ra não lhe dar mais pesares.

(*Ciganos.*)

679.

Ouve: si é crime o desprezo
Em paga de uma affeição,
Tambem é loucura amar-se
Quem pratica ingratidão.

680.

O vapor berrou na serra,
O vagão urrou no alto:
Aprompta, Maruca, vamos,
Sem Maruca eu não embarco.

(*S. Paulo.*)

681.

Os olhos do meu amor
São dois navios guerreiros:
Quando *aponta* lá no mar
Alumeia o mundo inteiro.

(*Idem.*)

682.

O ladrão p'ra ser bem fino
Ha de ser com subtileza:

Si o dono não for ladino
Come c'o ladrão na mesa.

(*S. Paulo.*)

683.

O sapo é bicho nojento
Ou de noite ou de manhã :
Mas eu queria ser sapo
Si vancê fosse uma rã.

(*Minas.*)

684.

O amor quando se acaba
No coração deixa a dor :
O fogo quando se apaga
Na cinza deixa o calor.

(*S. Paulo.*)

685.

O' vancê que não tem pae,
O meu foi moleque *bão ;*
Vancê parece commigo
E quem sabe é meu irmão ?

(*Minas.*)

686.

O cantar da meia-noite
E' um cantar excellente :
Acorda quem está dormindo,
Faz bem a quem está doente.

(*Piauhy.*)

687.

Os campos verdes se alegram
Quando vêem o sol nascer :

Assim meus olhos se alegram
Quando te chegam a ver.

688.

O errar numa cantiga
Não se deve admirar,
Que o melhor atirador
Erra um passaro no ar.

689.

O meu amor é menina
Com seus peitinhos em pé :
Carinhos, só ella sabe;
Galante, só ella é.

(*Piauhy.*)

690.

O retiro num deserto
Faz pena, faz padecer ;
Só não faz um peito amante
Do seu amor se esquecer.

(*Idem.*)

691.

O padre quando diz missa
Passa a mão pela corôa :
Namora, padre, namora,
Quem namora Deus perdôa.

(*Ibidem.*)

692.

O sol prometteu á lua
Um ramalhete de flor :

Quando o sol promette e cumpre
Que fará quem tem amor?

(*Minas.*)

693.

O tear que tece panno
Tambem tece marambá :
Olhos pretos de morena
Mata a gente de vagar.

(*Idem.*)

694.

O gallo já está cantando,
O dia vae 'manhecer ;
Já está chegando a hora
De quem ama padecer.

(*Ibidem.*)

695.

O marmello é boa fructa
Que dá na ponta da vara :
Quem tomar amor de outro
Não tem vergonha na cara.

(*Ibidem.*)

696.

O teu coração é doce,
O meu é muito azedinho :
Vamos juntar elles dois
P'ra fazer um guisadinho.

(*Ibidem.*)

697.

O cravo foi ser poeta,
Pediu á rosa um botão ;

Respondeu a rosa irada
Que nem as folhas do chão.

(*Minas.*)

698.

O meu coração é mudo,
E' mudo, mas não parece;
Si o meu coração falasse,
Diria por quem padece.

(*Idem.*)

699.

Os teus olhos são bem pretos,
Inda hontem reparei :
Elles são do meu agrado,
Só por morte deixarei.

(*Ibidem.*)

700.

O senhor não *arrepare*
Eu dançar de pé no chão :
Eu vinha tocando burro,
Não sabia da funcção.

(*Ibidem.*)

701.

O anú é *passo* (1) preto,
Passarinho de verão;
Quando canta á meia noite
O' que dor no coração!

(*Ibidem.*)

(1) Passaro.

702.

O' anú é *passo* preto
E tem o bico rombudo;
Fala mal da vida alheia,
Já passa de linguarudo.

(*Minas.*)

703.

O senhor não *arrepare*
Esse meu pouco saber;
Pois eu sou menino e moço
Tou no tempo de apprender.

(*Idem.*)

704.

O cravo tambem se muda
Do jardim para o deserto:
De longe tambem se ama,
Não podendo amar de perto.

(*Ibidem.*)

705.

O senhor não *arrepare*
Esse meu cantar baixinho,
Que eu sou muito vergonhoso,
Não posso cantar sózinho.

(*Ibidem.*)

706.

Olha que lua tão clara,
Meu amor não apparece;

Veja si não é peccado
Enganar a quem padece.

(*Minas.*)

707.

Os teus olhos e os meus
Têm o mesmo parecer :
Mas os teus têm um geitinho
Que pôem os meus a perder.

(*Idem.*)

708.

O casado é bem casado
Naquelles dias primeiros;
Passando d'aquelles dias
Chora a vida de solteiro.

(*Ibidem.*)

709.

O' senhora mãe da noiva
Sáia fóra do fogão :
Venha ver a sua filha
Nas unhas de um gavião.

(*Ibidem.*)

710.

O' minha senhora dona,
Quem pergunta quer saber :
« Sahindo d'aqui agora,
Onde irei amanhecer? »

(*Ibidem.*)

711.

O tatú era bem pobre,
E não tinha nada seu :

Só tinha uma casa velha
Que o defunto pae lhe deu.

(*Minas.*)

712.

O tempo, que tudo gasta,
Gasta o ferro, o bronze, a vida;
Somente gastar não póde
As saudade desabrida.

(*Idem.*)

713.

O vem-vem está cantando
No olho da siticica;
Cala a bocca, passarinho,
Quem se mata morto fica.

(*Ceará.*)

714.

O cachorro está latindo
Lá p' r' as bandas do chiqueiro;
Cala a bocca, cachorrinho,
Não sejas mexeriqueiro.

(*Idem.*)

715.

Ouço tropel de cavallos
E ouço argolas tinir;
Parece ser meu bemzinho
Que já vem se despedir.

(*Ibidem.*)

716.

O pinto belisca o velho,
O velho salta p'ra traz;

As meninas vão dizendo :
« Dinheiro, tomára eu mais. »

(*Ceará.*)

717.

Parece troça, parece,
Mas é verdade patente
Que a gente nunca se esquece
De quem se esquece da gente.

(*Pernambuco.*)

718.

— Paulista, de onde é que vem?
— Eu venho do Sincorá.
— Paulista, vancê se apeie
Que o café mandei *coá* (1).

(*Minas.*)

719.

Peixe do mar, que não fala,
Tambem morre pela bocca :
Hei de dizer minhas penas
Até que a voz fique rouca.

(*Ceará.*)

720.

Para conter os meus males
Meu natural me contem;
As sepulturas têm flores,
A minha vida não tem.

(1) Esta quadra tem como complemento os sequintes dous versos :

— *Sa* dona, o cavallo é bravo,
Só quer é *galopeá.*

721.

Pastor que veio do campo
A' minha porta batteu;
Veio me dar a noticia
Que a minha Lyria morreu.

(*Minas.*)

722.

Passeia, meu bem, passeia
Por paragens que eu te veja;
Inda que a bocca não fale,
Meu coração te festeja.

(*Sergipe.*)

723.

Perguntei ao beija-flor
Como é que se namora :
— Pôe o lenço na algibeira,
Deixa a pontinha de fóra.

(*R. de Jan.*)

724.

Paulo, Ruivo e Madeira
Foram fazer caruru;
O Paulo deu a farinha,
Ruivo mexeu o angú.

(*historica-Bahia*) (1).

725.

Pedimos a vós, Senhora,
Dona da terra e do mar,

(1) Vide a nota relativa á quadra num. 651.

Refrigerio para o corpo,
Graça para vos amar.

(*R. de Jan.*)

726.

Pinheiro, me dá uma pinha,
Pinha, me dá um pinhão ;
Morena, me dá um beijo
Que eu te dou meu coração.

727.

Passe o tempo que passar,
Viva os annos que viver,
Ande eu por onde andar,
De ti não hei de esquecer.

(*Minas.*)

728.

Perde a rosa o cheiro activo,
Só não perde a linda cor ;
Tudo no mundo se muda,
Só não muda o nosso amor.

729.

Parece que choram sempre
As flores do campo santo :
Quando a ventania passa
Cae orvalho como pranto.

730.

Pediste-me o meu retrato,
Vê como andava enganado :

Suppunha que já o tinhas
Dentro do peito gravado.

731.

Par ti, Chininha, eu daria
Meu cavallo pangaré :
Só por teu amor morria
Nas guampas do jaguané.

(*Rio Grande do Sul.*)

732.

Procurei minha morena
Para os lados de Inglaterra :
Meu plano sahiu errado
— Não ha ninguem que não erre.

(*S. Paulo.*)

733.

P'ra que serve um pingo d'agua
Na beira do rio corrente?
P'ra que serve ter amor
Quem não faz conta da gente?

(*Idem.*)

734.

P'ra tudo encontro medida,
Para chita e p'ra fustão :
Só não encontro medida
Para a tua ingratidão.

(*Minas.*)

735.

Para lá escuta, mano,
Bonito vou lhe *contá* :

Quem não pode com mandinga
Não carrega patuá.

(*Minas.*)

736.

Põe-se o sol e põe-se a lua,
Põem-se as estrellas tambem :
Só eu não posso me pôr
Nos pés de quem quero bem.

(*Piauhy.*)

737.

Por seres ausente vivo
Queixoso, porem constante :
Ausente, mas sempre firme,
Queixoso, mas sempre amante.

(*Idem.*)

738.

Preso estou nesta cadeia
Que tem grades de papel ;
Fui preso por teu sorriso,
Me solta, ingrata cruel !

(*Ibidem.*)

739.

Passarinho, só tu podes
Com pennas viver cantando :
Eu não posso ser assim,
Com penas vivo chorando.

(*Ibidem.*)

740.

Passarinho, p'ra que cantas
Alegre ao pé de quem chora ?

Si teu cantar te állivia,
Não cantes mais — vae-te embora.

(*Piauhy.*)

741.

Passarinho preso canta,
Preso deve de cantar ;
Como é preso sem ter culpa
Canta para alliviar.

(*Idem.*)

742.

Passando por tua porta
Puz a mão na fechadura :
Abre-te, peito tyranno,
Coração de pedra dura.

(*Ibidem.*)

743.

Pinica, meu bem, pinica,
Pinica, meu bem-me-quer ;
Ou me mata ou me dá vida,
Ou larga p'ra quem quizer.

(*Minas.*)

744.

Para o anno eu vou casar
C'uma duzia de *muié* :
Tres Maria, tres Anninha,
Tres Chiquinha e tres Zabé (1)

(*Idem.*)

(1) Isabéis.

745.

Parece uma cousa feita (1)
Esse nosso querer bem,
Pois não casando comtigo
Não caso com mais ninguem.

(*Minas.*)

746.

Pecegueiro da cidade,
Cravos da villa de Santos,
Quem me mandou querer bem
Moça querida de tantos?

(*Idem.*)

747.

Plantei um cravo na bocca,
A raiz sahiu no dente;
Eu não posso dar um beijo
No meio de tanta gente.

(*Ibidem.*)

748.

Por detraz d'aquella serra
Tem uma serra maior;
Si o seu amor é sargento,
O meu é sargento mór.

(*Ibidem.*)

749.

Passa por mim nem me sáuda (2),
Nem o seu chapeo me tira:

(1) Mandinga, feitiço.
(2) Por saúda: é um caso interessante de Synerese.

De certo foram contar
De mim alguma mentira.

(*Minas.*)

750.

Passarinho pintasilgo
Chegou na janella e disse :
« Vida de solteira é alegre,
Vida de casada é triste. »

(*Idem.*)

751.

Passarinho, batte aza,
Vae ver quem meu peito adora ;
Si tu fores desprezado
Batte aza e vem s'embora.

(*Ibidem.*)

752.

Parece que é lá da estranja
Esse nosso violeiro ;
Pela postura dos dedos
E' do Rio de Janeiro.

(*Ibidem.*)

753.

Pulseira de besta é peia,
Lençol de burro é cangalha,
Mulher de padre é *visage*,
Cabra safado é *canáia*.

(*Ceará.*)

754.

Quando eu vim da minha terra
Muita menina chorou ;

Só uma velha beiróca
Muita praga me rogou.

755.

Quado vires mulher magra
Não tens mais que perguntar
Si é casada, é ciumenta ;
Si é solteira, quer casar.

756.

Quem tem ciumes não dorme
Nem de noite, nem de dia,
E dá mais voltas na cama
Do que o peixe n'agua fria. (1)

757.

Quando a mulher quer negar
Que offendeu o seu amor,
Ajunta dedo com dedo,
Jura por Nosso Senhor.

758.

Quem nasce nasce p'ra luctas,
De luctar tem o dever :

(1) Esta quadra do nosso *folk lore* reproduz, com poucas variantes, a seguinte quadra portugueza :

Quem tem amores não dorme
Quer de noite, quer de dia;
Dá tantas voltas na cama
Como o peixe n'agua fria.

Combater pela verdade,
Pelo justo combater.

759.

Que o branco dos teus vestidos
— O branco, a cor da pureza —
Não seja tudo de puro
Que exista em tua belleza!

760.

Quando se tem a certeza
De ter cumprido um dever,
Mesmo os insultos mais vis
Nobres premios podem ser.

761.

Queria subir ao Ceo,
Ter com Deus um argumento,
Saber d'elle para que
Deu aos pobres sentimento.

762.

Quem não queira em seu caminho
Algum maluco encontrar,
Fique num quarto vazio,
Faça os espelhos quebrar.

763.

Quem canta seu mal espanta,
Quem chora seu mal augmenta;

Eu canto p'ra disfarçar
Uma dor que me atormenta.

(*Rio Grande do Sul.*)

764.

Quem quizer escolher moça
Deve escolher pelo andar :
Toda moça que é bonita
Pisa no chão de vagar.

765.

Quero apanhar as conchinhas
Na praia junto do mar ;
Mamãe é muito assustada
Nunca nos deixa brincar.

(*Infancia.*)

766.

Quando eu era pequenina
Que nem sabia falar,
Minha mãe já me ensinava
Ao Deus do Ceo adorar.

(*Idem.*)

767.

Quem me empresta um vintem,
Que amanhã eu lhe dou dois,
Para comprar uma fita
E ir laçar o meu boi.

(*Bahia.*)

768.

Quem entruda o seu amor
E' signal de intimidade :

Yayá, entrude a yoyô
Para lhe ter amizade.

(*Bahia.*)

769.

Quem tiver o seu segredo
Não conte a mulher casada,
Que a mulher conta ao marido
E o marido á camarada.

770.

Quando eu for para morrer
Quero teus braços por leito,
Por luzes teus lindos olhos,
Por sepultura teu peito.

771.

Quem quizer cantar commigo
Venha bem apparelhado,
Que eu trago no ceo da bocca
Nossinhor crucificado.

(*Minas.*)

772.

Quando pisei neste mundo
Foi de viola na mão,
Cantando meu choradinho,
Dançando numa funcção.

(*Idem.*)

773.

Quem quizer ser bemquerido
Não se demonstre affeiçoado,

Que um affecto conhecido
E' certo ser desprezado.

(*Minas.*)

774.

Quem semvergonha nasceu,
Quem semvergonha criou,
Depois que tomou amor
Mais semvergonha ficou.

(*Idem.*)

775.

Quem me dera ter a sorte
Que teve o beija-*fulô*
De beijar a açucena
Aos pés de Nosso Senhor.

(*Ibidem.*)

776.

Quando eu quiz não me quizeste,
Cuidavas ser mais do que eu.
Agora que tu me queres,
Agora não quero eu.

(*Ibidem.*)

777.

Quem quer bem dorme na rua
Na porta de seu amor;
Faz das pedras travesseiro,
Das estrellas cobertor.

(*Ibidem.*)

778.

Querer bem não é bom, não;
Faz cançaço, faz azia;

Faz a gente andar penando
Da meia-noite p' r' o dia.

(*Minas.*)

779.

Querer bem não é bom, não;
A gente se mortifica :
Si é mulher-endoidece,
Si é homem-entysica.

(*Idem.*)

780.

Quando eu vim da minha terra
Minh' avó me encommendou
Duzentos *par* de chinello
Da orelha de um cantadô.

(*Ibidem.*)

781.

Quando eu vim de Cantagallo
No caminho — eu não sabia —,
Passei na ponte de arame (1),
Meu corpo todo tremia.

(*Ibidem.*)

782.

Quem disse que amor não dóe
Desconhece amor então;
Queira bem e viva ausente
E verá si dóe ou não.

(*Ibidem.*)

(1) Ponte pensil.

783.

Quer o rico, quer o pobre
Todos têm seu namorinho :
O rico com seu dinheiro,
O pobre com seu carinho.

784.

Quem espera desespera,
Quem espera sempre alcança;
Não ha maior allivio
Que viver na esperança.

785.

Quem vae pela tua rua
E não te vê, meu amor,
E' como quem vae ao ceo
E não vê Nosso Senhor.

786.

Quem me dera ter agora
Um cavallinho de vento
Para dar um galopinho
Onde está meu pensamento.

787.

Quem tiver cama de pennas
Procure dormir com geito;
Ha muito roubam-me o somno
As penas d'este meu peito.

788.

Quando vejo mulher velha
Tomo a *bença*, chamo tia :
Caititú no matto grosso
Corre mais do que cotia.

(*Minas.*)

789.

Quero ser teu, e tu minha
Por uma doce união;
Dou-te todo o pensamento,
Alma, vida e coração.

790.

Quizera ser mulatinha
D'essa cor que me arrebata :
Qual será essa branquinha
Que não queira ser mulata?

791.

Quando estou junto das moças
Meus olhos são de tarracha,
Meu coraçao é trapiche,
Tenho alma de borracha.

(*Bahia.*)

792.

Quando morreu minha Rosa
O mundo ficou sem luz;

Porem ficou minha mãe
P'ra carregar minha cruz.

(*Ciganos.*)

793.

Qual amamos sobre a terra,
Já da vida rôto o véo
C'o mesmo extremo se póde
Tambem amar lá no ceo.

794.

Quereis um quadro da vida?
Eil-o! — o dia vem raiando,
Despertam felizes, rindo,
Os desgraçados chorando!

(*Ciganos.*)

795.

Quem tem aza não avôa,
Quem não tem quer avoar;
Quem tem razão não se queixa,
Quem não tem quer se queixar.

796.

Quando tiveres insomnia
Eu te irei adormecer,
Contando os tormentos todos
Que me tens feito soffrer.

797.

Quem falar de mulher velha
Fala de Nosso Senhor:

As velhas são mães das moças,
As moças são meu amor.

(*S. Paulo.*)

798.

P. Quatro paus, quarenta galhos,
Cada galho com seu ninho ;
Senhor cantador de verso :
Quantos são os passarinhos ?

(*Minas.*)

799.

R. Quantos são os passarinhos
Não lhe posso *lhe* dizer :
Elles todos bem juntinhos
A conta vou lhe fazer.

(*Idem*) (1).

800.

Quando eu vim da minha terra
Tinha fama de peão :
Amontei num burro morto
E assim mesmo fui ao chão.

(*Ibidem.*)

801.

Quando eu era frango novo
Comia milho na mão ;
Agora sou gallo velho,
Batto c'o bico no chão.

(*Ibidem.*)

(1) Côco ou desafio.

802.

Quando nesta casa entrei
Me esqueceu a cortezia ;
Agora que estou de dentro
Guarde Deus a bizarria.

(*Minas.*)

803.

Quero ver como se atam
Dois coriscos num pau só :
Um subindo, outro descendo,
Jogando lasca em redor.

(*Piauhy.*)

804.

Quando de ti me apartei,
Suspirando e dando ais,
Pensei de perder a vida,
De morrer, não te ver mais.

(*Idem.*)

805.

Quem tem o tempo de seu
E d'elle não se valeu,
E' de bem que agora chore,
Chore o tempo que perdeu.

(*Ibidem.*)

806.

Quando eu fui aqui chegando
Logo por ti perguntei ;

Não me deram novas tuas....
De vergonha não chorei.

(*Piauhy.*)

807.

Quer me matem, quer me firam,
Quer façam pouco em meu brio,
Para eu deixar de te amar
E' malhar em ferro frio.

(*Idem.*)

808.

Que importa que o sol renasça
P'ra quem tormentos padece?
Cedo madruga a desgraça,
Tarde a ventura amanhece.

(*Ibidem.*)

809.

Quem ama amor impedido
Tem valor, tem coração.
Parece que todos dizem:
« Prende e mata este ladrão! »

(*Ibidem.*)

810.

Quem ama amor impedido
Tem tudo, nada lhe falta;
Tem gosto, tem alegria,
Tem raiva, paixão que mata.

(*Ibidem.*)

811.

Quando eu brigar com meu bem
Não se intrometta ninguem,

Que, quando a raiva passar,
Ou eu vou ou elle vem.

(*Piauhy.*)

812.

Queremos Pedro II
Embora não tenha edade,
A Nação dispensa a lei
E viva a Maioridade!

(*historica - S. Paulo.*)

813.

Quem não sae de meu sentido
Está d'aqui muito longe :
A saudade quando é muita
Faz um coração de bronze.

(*Minas.*)

814.

Quebranto que ocê me poz
'Tá custoso de sahir :
Amor que tenho a vancê
Inda ha de me consumir.

(*Idem.*)

815.

Quem me dera dar um ai,
Depois de um ai um suspiro ;
Quem me dera ver agora
Quem não sae de meu sentido.

816.

Quando eu passo em tua porta
Teu pae sempre diz : São Bento.

— Não sou cobra que te morda,
Nem sou bicho peçonhento.

(*Minas.*)

817.

Quem quizer comprar eu vendo
Vosso amor que já deixei :
Não é caro nem barato,
E' p'lo preço que comprei.

(*Idem.*)

818.

Quem me dera estar agora
Onde está meu coração :
— 'Stá no campo da saudade
Onde meus suspiros vão.

(*Ibidem.*)

819.

Quem quizer comprar saudade
Eu tenho semente e dou :
Eu tenho um canteiro cheio
Que aquelle ingrato deixou.

(*Ibidem.*)

820.

Quero bem á flor da murta,
Aquella que dá no chão ;
Quanto mais carinho eu faço
Mais desenganos me dão.

(*Ibidem.*)

821.

Quem quer bem logo se vê,
Logo dá demonstração

Pelo pisquinho dos olhos
E pelo apêrto de mão.

(*Minas.*)

822.

Quem quizer apanhar moça
Jogue o laço no barranco :
Inda *honte* apanhei uma
C'um laço de fita branco.

(*Idem.*)

823.

Quem quizer comprar ciumes
Tenho muito p'ra vender :
Tenho uma cestinha cheia
Que não posso suspender.

(*Ibidem.*)

824.

Quando este mundo foi mundo
O tatú era escrivão ;
Ficou co'as unhas rombudas
De tanto escrever no chão.

(*Ibidem.*)

825.

Quem fôr para minha terra
Me perdôe a confiança :
Si vir por lá meu chodó
Não deixe de dar lembrança.

(*Ibidem.*)

826.

Quando as *arves* que são *arves*
Sente os golpes que lhes dão,

Como eu não hei de sentir
Esta sua ingratidão?

(*Minas.*)

827.

Quando eu era pequenino,
Antes de meu pae *nascê*,
Inda não engatinhava,
Já morria por vancê.

(*Idem.*)

828.

Que chuvinha tão miúda
Que choveu no meu telhado;
Não sei que amor é este
Que me traz atropelado.

(*Ibidem.*)

829.

Quando os meus olhos te viram
Meu coração te adorou;
Nas correntes de teus braços
Minh' alma presa ficou.

(*Ibidem.*)

830.

Quem me vê estar cantando
Pensará que estou alegre;
Meu coração 'tá tão negro
Como a tinta que se escreve.

(*Ibidem.*)

831.

Quando eu te vi eu fiquei
Captivo, sem liberdade;

Sujeitei a ser teu bem
Por minha livre vontade.

(*Minas.*)

832.

Quando nasci dei um grito :
« Ai, meu Deus! Jesus, me mata,
Que eu quero ser enterrado
No collo de uma mulata! »

(*Idem.*)

833.

Querer bem não e bom, não,
Faz a gente emmagrecer :
Põe feridinha por dentro,
Por fóra ninguem não vê.

(*Ibidem.*)

834.

Quem quizer criar amor
P'ra ninguem desconfiar :
Quando olhar não deve rir,
Quando rir não deve olhar.

(*Ibidem.*)

835.

Quando eu me fôr d'esta terra
Sahirei d'ella voando,
Para que as aves te digam
Que me encontraram chorando.

(*Ceará.*)

836.

Quando vim de minha terra
Que passei no Quixelõ,

Botei a sella na ema,
Já vi bicho *corredô*.

(*Ceará.*)

837.

Quando vim de minha terra
Que passei no Quixelô,
Tirei um par de *apragatas* (1)
Nos queixos de teu avô.

(*Idem.*)

838.

Quando o mundo se acabar
Que não tiver mais ninguem,
Vae á minha sepultura
Que ainda te quero bem.

(*Ibidem.*)

839.

Quando eu me for d'esta terra
Hei de plantar cravo roxo
Para nunca me esquecer
Das feições d'esse teu rosto.

(*Ibidem.*)

840.

Resposta branda e suave
Quebra da ira o furor ;
Palavras duras excitam
Resentimento e rancor.

(1) Alpercatas.

841.

Rua abaixo, rua acima,
Ruas de canto a recanto,
Ruas que por ella passa
O Divino Espirito Santo.

(*Rio de Janeiro.*)

842.

Rosinha da saia curta,
Barra de salta-riacho,
Trepa aqui neste coqueiro,
Bóta estes côcos abaixo.

(*Idem.*)

843.

Rainha de eterna gloria,
Mãe de Deus doce e clemente,
Dai-nos agua que nos molhe,
Dai-nos pão que nos sustente.

(*Ibidem.*)

844.

Roseira, dá-me uma rosa,
Craveiro, dá-me um botão ;
Maria, dá-me um abraço
Que en te dou meu coração.

(*Infancia.*)

845.

Riem no ceo as estrellas,
Riem as vagas no mar,
Mas ninguem sabe rir tanto
Como a luz de teu olhar.

846.

Roda, roda, mareninha,
Que eu tambem quero rodar ;
Roda, morena pachola,
P'r' acabar de me matar.

(*Minas.*)

847.

Si vancê não me queria
Para que me acarinhou ?
Agora tenha paciencia,
Abra os braços que eu là vou.

(*Idem.*)

848.

Saudade, teu nome é doce,
Parece que nada diz ;
No entanto quem de ti soffre
Nunca pode ser feliz.

849.

Sinhá noiva e sinhô noivo,
Deus lhes dê um bom estado :
Que d'aqui a nove mezes
Haja um rico baptisado.

(*Rio de Janeiro.*)

850.

Sinhô noivo, dê-me um doce,
Sinha noiva manda *dá*

Pois pela noite adiante
Sinhá noiva pagará.

(*Rio de Janeiro.*)

851.

Soffre, si tens de soffrer,
Corre os maiores perigos,
Tuas crenças não renegues,
Não renegues teus amigos.

852.

São Bento deu uma hora,
O collegio já deu duas,
Vêde que horas são essas
Qu'eu por vós ando nas ruas.

(*Rio de Janeiro.*)

853.

Senhora Santa Isabel,
Com sua toalha a bordar,
Fiando fios de prata
Para São João se enxugar.

(*Ceará.*)

854.

Si esta rua fosse minha
Mandaria ladrilhar
Quer de prata, quer de ouro
Para meu bem passear.

(*Sergipe.*)

855.

Si erro nessas cantigas
Não é para admirar :

O melhor atirador
Erra um passaro no ar.

(*Rio Grande do Sul.*)

856.

Santo Antonio, São Francisco
Desatai este cordão
Que me deu Nossa Senhora
Com a sua benta mão.

(*R. de Jan. e Bahia.*)

857.

Si eu roubei teu coração
Tu roubaste o meu tambem ;
Si eu roubei teu coraçâo
E' porque te quero bem.

(*Infancia.*)

858.

Senhora dona da casa
Bote azeite na candeia :
Me perdôe a confiança
De mandar em casa alheia.

(*Bahia.*)

859.

Senhora dona da casa
Mande entrar, faça favor,
Que do ceo estão cahindo
Pinguinhos d'agua de flor.

(*Idem.*)

860.

Sobre mim raios despeje
O ceo que nos ouve agora,

Si sobre a minha vontade
Não tens mando a toda hora,

(*Ciganos.*)

861.

Seus *óio*, moça bonita,
Eu posso mesmo *attestá*,
Si o sol a gente apagasse
Serviam p'r' *alumiá*.

(*Minas.*)

862.

Sem ter vida, tenho vida,
Vivo, morto vou vivendo,
Vivendo por ter desejos,
Para cumpril-os, morrendo.

863.

São João teve alegria
E depois teve pesar,
Por não saber o seu dia
Para poder festejar.

(*Ceará.*)

864.

Si eu chegasse a ser estrella
E a brilhar no azul dos céos,
Daria todo o meu brilho
Só por um beijo des teus.

865.

Sobre minha sepultura
Hei de mandar escrever :

« Aqui jaz quem te adorou
Sempre firme até morrer. »

(*Minas.*)

866.

Sapatinho que eu gostava
No monturo já joguei :
Não me importa que outro gose
D'aquillo que já deixei.

(*Idem.*)

867.

Senhor Bom Jesus da Lapa,
Milagroso sem segundo,
Peço que livre seus filhos
Das miserias d'este mundo.

(*Ibidem.*)

868.

Senhor Bom Jesus da Lapa,
Pelos milagres que tem
Peço que livre seus filhos
Para todo o sempre. Amen.

(*Ibidem.*)

869.

Si eu fosse abelha do matto
Ou beija flor da campina,
Sómente na tua bocca
Bebia o mel da bonina.

(*Ibidem.*)

870.

Si as estrellinhas brilhassem
Todas juntas de uma vez,

Não dariam uma idéa
D'esses teus olhos crueis.

871.

Somos caboclos guerreiros,
Que *viemos* guerrear,
Com nossas flechas na mão,
Nosso cabo de alongar.

(*Ceará.*)

872.

Si com meu pranto pudesse
Recobrar o que perdi,
Chorava até desfazer
Os olhos com que nasci.

873.

Suspirar é meu sustento
Quando estou de ti ausente;
Nada me alegra o sentido,
Só comtigo estou contente.

874.

Si eu soubesse o que sei hoje
Ou si alguem me avisara
Que amor tão caro custa,
Nunca eu me captivara.

875.

Si eu podesse, mas não posso,
Fazer o dia *malhol*,

Dava um laço na fita verde,
Outro no raio do sol.

(*Rio de Janeiro.*)

876.

Si vejo moça corada
Fico de amor abrazado;
Moça pallida e romantica
Pôe-me todo derrotado.

(*Bahia.*)

877.

Si os meus suspiros podessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias o quanto custa
Uma ausencia supportar.

878.

Si não te visse de perto
Tão sensivel suspirar,
Custaria mais que a morte
Uma ausencia supportar.

879.

Somos gentes muito boas,
Sabemos bem conviver;
Bebemos bem aguardente
Com alegria e prazer.

(*Bahia.*)

880.

Sou triste como a tesoura
Que corta a negra mortalha,

Ou da cova a dura terra
Que sobre o morto se espalha.

(*Ciganos.*)

881.

Si queres saber si eu choro
Me empresta a tua mortalha,
Com ella enxuga o meu pranto
E o nosso filho agasalha.

(*Idem.*)

882.

Si desprezar tu podeste
Quem soube tanto adorar-te,
Não devo amar quem me odeia,
Devo tambem desprezar-te.

883.

Si fases gôsto em deixar-me,
Ninguem te priva, ó cruel,
Mas ao menos saiba o mundo
Que te fui sempre fiel,

884.

Sou filho da cobra verde,
Neto da cobra *corá*,
Ranco os troncos com raiz,
No chão não deixo *signá*.

885.

Si eu fosse vosso outra vez,
(Prouvera a Deus, quem me dera!)

Quem ama não teme a morte,
Quem casa não considera.

(*S. Paulo.*)

886.

Sahiu certo o que eu falava
E bem certo o que eu dizia :
Quem amasse amor alheio
Todo o seu tempo perdia.

(*Idem.*)

887.

Sinto dores nos meus peitos,
Tristeza, melancholia :
Vivo clamando saudades
Dos amores de algum dia.

(*Ibidem.*)

888.

Sua boniteza, é certo,
'Tou cançado de gabar :
Esses seus olhos morteiros
Inda vêm a me matar.

(*Ibidem.*)

889.

Si quizer, venha commigo,
Não precisa imaginar :
Si quizer vançê me fale
O dia que eu venho cá.

(*Ibidem.*)

890.

Si o teu bemzinho for bravo
Não temos contas que dar :

Elle é bravo, eu sou valente,
Nossas armas são eguaes.

(*S. Paulo.*)

891.

Senhora, minha senhora,
Da minha veneração,
Cadeado de meu peito,
Chave do meu coração.

(*Idem.*)

892.

Sinhá dona, eu tenho mana,
Eu tenho mana em Lorena :
P'ra te levar eu não posso,
P'ra te deixar tenho pena.

(*Ibidem.*)

893.

Senhora, minha senhora,
Não lhe posso querer bem :
Meu coração não atura
Desaforo de ninguem.

(*Minas.*)

894.

Subi nas pontas das nuvens
No estouro do trovão;
Desci nas cordas da chuva
Com dez coriscos na mão.

(*Piauhy.*)

895.

Si vires a garça branca
Pelos ares ir voando,

Dirás que são os meus olhos
Que te vão acompanhando.

896.

Si eu soubesse com certeza
Que tu me querias bem,
Eu iria te tirar
Do poder de quem te tem.

(*Piauhy.*)

897.

Si eu soubesse de certeza
Que tu me querias bem,
Eu te faria um carinho
Que nunca te fez ninguem.

(*Idem.*)

898.

Si gallo preto soubesse
Quanto custa um bem querer,
Não cantava á meia noite
Para o dia amanhecer.

(*Ibidem.*)

899.

Sexta feira estou doente,
No sabbado p'ra morrer;
No domingo vou á missa
Sómente para te ver.

(*Minas.*)

900.

Si o ovo tem duas gemmas,
Uma branca, outro amarella,

Casa de capim é rancho,
Bico de pato é sovella.

(*Minas.*)

901.

Si duvida que te amo
Duvidar é não ter fé :
Meu amor é todo teu
Como Deus da Virgem é.

(*Idem.*)

902.

Santo Antonio pequenino
Mansador de burro bravo,
Vem 'mansar a minha sogra
Que é levada do diabo.

(*Ibidem.*)

903.

Significa a flor de couve
O que eu não posso dizer :
Significa afastamento
Que entre nós dois ha de haver.

(*Ibidem.*)

904.

Si eu soubesse quem tu eras,
Quem tu havias de ser,
Não dava o meu coração
Para agora padecer.

(*Ibidem.*)

905.

Senhora dona da casa
Mande-nos dar que beber,

Que já 'stou co' a guela secca
De cantar p'ra vancê ver.

(*Minas.*)

906.

Si o jasmim tem quatro fólhas,
Si tem cinco não tem mais;
Já te quiz, inda te quero,
Cada vez te quero mais.

(*Idem.*)

907.

Senhora dona da casa,
Senhora dona de bem,
Sou captivo do agrado,
Não sou negro de ninguem.

(*Ibidem.*)

908.

Si vancê de mim não lembra,
Diga, ingrata, não me negue,
Pois eu tambem quero agora
Seguir o que vancê segue.

(*Ibidem.*)

909.

Sua camisa tem botão,
A minha por que não tem?
Quem tem seu amor tem tudo,
Quem não tem não é ninguem.

(*Ibidem.*)

910.

Si a saudade me apertar
Eu bem sei que hei de fazer:

Hei de me pôr a caminho
Succeda o que succeder.

(*Minas.*)

911.

Saudades e mais saudades,
Saudades que não têm fim;
De que serve eu ter saudades
De quem não lembra de mim?

(*Idem.*)

912.

Si eu não tivesse jurado
De meu coração ser vosso,
Eu daria a outra pessoa.
Mas, como jurei, não posso.

(*Ibidem.*)

913.

Si eu entrasse no teu peito
Saberia o interior;
Mas como eu lá não penetro
Não sei si me tens amor.

(*Ibidem.*)

914.

Si eu soubesse quem tu eras,
Eu não te amaria, não.
Agora não tem remedio:
Paciencia, coração.

(*Ibidem.*)

915.

Sete folhas de alecrim
Todas sete com seu S;

De todos vancê se lembra,
Só de mim vancê se esquece.

(*Minas.*)

916.

Si houvesse papel de ouro
Comprava papel de prata ;
Com o sangue de minhas veias
Tiraria o teu retrato.

(*Idem.*)

917.

Si a lua é que vence tudo,
O' meu Deus, estou vencido ;
Si me amas com firmeza
Tira os outros do sentido.

(*Ibidem.*)

918.

Si eu soubesse quem tu eras
Meu papel não gastaria ;
Escreveria o teu nome
Na folha da *maravia*.

(*Ibidem.*)

919.

Senhora dona da festa
Essa vae em seu louvor :
Na sola de seu sapato
Corre agua, nasce flor.

(*Ibidem.*)

920.

Si eu soubesse de cantar
E meu bem apparecer,

Desde agora eu cantaria
'Té o dia amanhecer.

(*Minas.*)

921.

Saudade que de ti tenho
Não posso mandar dizer :
Algum dia contarei
Quando tornar a te ver.

(*Idem.*)

922.

Si eu fosse pôdre de rico
Não moraria no matto ;
Morava mais a Lorinda
Dentro da rua do Crato.

(*Ceará.*)

923.

Senhora dona da casa
Por favor a porta abra,
Que eu não sou que nem cabrito
Que mama dois numa cabra.

(*Idem.*)

924.

Sexta-feira da Paixão
Comi um quarto de bóde ;
A Deus eu peço perdão :
Cada um faz o que póde.

(*Ibidem.*)

925.

Todo captivo procura
Ter a sua liberdade :

Eu procurei captiveiro
Por minha livre vontade.

926.

Taplan.... rataplan..., zabumba,
Bravo á vida militar :
Defender as moças bellas
E depois rir e folgar.

(*R. de Jan.*)

927.

Tyranna, minha tyranna,
Ai ! tyranna de Irajá !
Aquillo que nós falámos
Tomára que fosse já.

(*Idem.*)

928.

Triste vida de quem vive
Rolando em cantos alheios ;
Come e dorme aos bocadinhos,
Bebe e ama com receio.

(*Rio Grande do Sul.*)

929.

Tico-tico rasteirinho
Tira os galhos do caminho,
Que eu quero passear,
Tenho medo dos espinhos.

(*Idem.*)

930.

Tenho o meu chapeo de palha
Que custou mil e quinhentos ;

Quando o ponho na cabeça
Não me faltam casamentos.

(*Infancia.*)

931.

Tenho o meu chapeo de palha,
De panno não posso ter :
De panno custa dinheiro,
De palha posso fazer.

(*Idem.*)

932.

Tanto bem que já te quiz,
Tanto mal 'tou te querendo !
Deus permitta qu'inda veja
Urubú 'star te comendo.

(*Minas.*)

933.

Tenho sede, tenho fome
Não de carne, nem de vinho :
Tenho fome de um abraço,
Tenho sêde de um carinho.

(*Idem.*)

934.

'Tou com catarrho na unha,
Dor de dente no cachaço ;
Não vejo das sobrancelhas,
Não enxergo d'este braço.

(*Ibidem.*)

935.

Tudo que nasce no mundo
Tem seu fim particular ;

Tudo nasce com destino :
Eu nasci para te amar.

936.

Tu me disseste : sou tua ;
Tambem te digo : sou teu ;
Te peço tambem te lembres
Deste pobre nome meu.

937.

Tenha embora um outro a palma
Bemdirei o teu soffrer !
Este amor que punge nalma
Morrerá quando eu morrer !

938.

Teu falar arouba a mente,
Teu sorrir tem seducção ;
Teu andar machuca a gente,
Faz captivo o coração.

939.

Tristonha morada guarda
De meu bem sua figura ;
Que os meus suspiros rodeiem
Sua triste sepultura.

(*Ciganos.*)

940.

Tenho um bichinho cá dentro
Que ás vezes me faz chiar ;

Quanto mais suffoco o bicho
Mais ardente quer pular.

941.

Teus olhos são duas luas
Na noite que me arrepia;
Vertem uma luz diffusa
Que não é sombra nem dia.

(*R. de Jan.*)

942.

Thereza, segura a honra,
Tem cuidado com Thomaz,
Pois a honra é como o vidro
— Quebrando não solda mais.

(*Piauhy.*)

943.

Tu roubaste o meu socego,
Vive minh'alma em ardor,
Soffrendo com paciencia
Ancias, ais, penas e dor.

(*Idem.*)

944.

Tu és a flor de minh'alma,
Eu por ti tudo daria;
Nos escarcéos da desgraça
Eu por ti me lançaria.

(*Ibidem.*)

945.

Tu te queixas, eu me queixo,
Qual de nós terá razão?

Tu te queixas dos meus erros,
Eu da tua ingratidão.

(*Piauhy.*)

946.

Todo amante que não ama
Amor que corre perigo,
Ou com pouco se acobarda
Ou não tem gosto comsigo.

(*Idem.*)

947.

Triste cousa é querer bem
Quando existe impedimento :
Quando quer falar não póde,
Quando póde não tem tempo.

(*Ibidem.*)

948.

Tico-tico foi a Roma,
Foi buscar meu pensamento;
Trouxe o nome de Maria
Para meu contentamento.

(*Minas.*)

949.

Teus olhos têm tanta luz
Que não sei por que segredo
Quando eu olho p'ra teus olhos
Estremeço, tenho medo.

(*Idem.*)

950.

Tenho fome, tenho sêde
E você não adivinha :

Tenho fome d'um abraço
E sêde d'uma boquinha.

(*Minas.*)

951.

Tenho o meu relogio d'ouro
Com ponteiros de marfim;
O dia que não te vejo
São cem annos para mim.

(*Idem.*)

952.

Tenho medo de teus olhos
Quando se fitam em mim;
Tenho medo que enlouqueça,
Nunca vi olhar assim.

(*Ibidem.*)

953.

Tenho um lenço de ciume
Atadinho pelas pontas
Para dar a meu bemzinho
Quando fizermos as contas.

(*Ibidem.*)

954.

Todo verso que eu sabia
Veio o vento e carregou,
Só amar e querer bem
Na memoria me ficou.

(*Ibidem.*)

955.

Uma esperança algum dia
Consoladora nos diz

Que entre os dias desgraçados
Lá vem um dia feliz.

956.

Uma morena faceira
Não precisa de rezar :
Basta o encanto que ella tem
P'ra su'alma se salvar.

957.

Um passarinho voando
Em meu hombro se assentou,
E me deu uma saudade
Que minha mãe me mandou.

(*Infancia.*)

958.

Urubú quando infeliz
Não ha pau que *agasaie :*
Si senta no verde — secca,
Si senta no secco — cae.

(*Piauhy.*)

959.

Uma ingrata que me offende
Que merece que eu lhe faça ?
E' não fazer caso d'ella,
Que p'ra castigo já passa.

(*Idem.*)

960.

Uma vida que me falta,
A metade de meu sêr,

Quero num beijo amoroso
De teus labios receber.

961.

Um pé de limão mais doce,
Outro de limão azedo;
Amor de mulher casada
E' cousa que tenho medo.

(*Minas.*)

962.

Um dia de noite escura
Vi um vulto na janella;
Pensei que era o meu amor,
Era uma gata amarella.

(*Idem.*)

963.

Um laço de fita adiante,
Dois laços de fita atraz,
O luxo d'essa morena
'Tá matando um só rapaz.

(*Ibidem.*)

964.

Vancê me chama pretinho,
Eu sou pretinho dengoso;
Pimenta do reino é preta
Mas faz *dicomê* gostoso.

(*Ibidem.*)

965.

Vancê diz que sabe muito,
Borboleta sabe mais:

Anda de perna p'ra riba,
Cousa que vancê não faz.

(*Minas.*)

966.

Você diz que bala mata,
Bala não mata ninguem ;
A bala que mais me mata
São os olhos de meu bem.

(*Ceará.*)

967.

Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus da Conceição !
Quem casa com mulher feia
Toda a vida tem paixão.

(*Idem.*)

968.

Você me diz que sou negro
Da cabeça de rebolo :
Si dou co'a mão vejo a queda,
Si dou c'o pé vejo o rôlo.

(*Ibidem.*)

969.

Vou-me embora, vou-me embora,
Para a minha terra eu vou ;
Si eu aqui não sou querido
Lá na minha terra eu sou.

(*Ibidem.*)

970.

Vae-te, verso venturoso,
Rompendo pelo jardim ;

Vae dizer áquella ingrata
Que não se esqueça de mim.

(*Minas.*)

971.

Violeiro, violeiro,
Um favor vou lhe pedir :
O verso que lhe botei
Nunca o torne a repetir.

(*Idem.*)

972.

Vancê de lá, eu de cá,
Ribeirão passa no meio ;
Vancê de lá dá um suspiro,
Eu de cá suspiro e meio.

(*Ibidem.*)

973.

Vancê me chamou de feio,
Cabello de pichanim ;
Assim mesmo eu sendo negro
As moças gostam de mim.

(*Ibidem.*)

974.

Você é a mangerona,
Eu sou o mangerição ;
Menina, diga a seu pae,
Que pretendo a sua mão.

(*Ibidem.*)

975.

Você diz que me quer bem,
Eu 'tou vendo que é engano :

Você tosa a minha pelle
Como tesoura no panno.

(*Minas.*)

976.

Vancê diz que me quer muito,
Eu tambêm quero a vancê :
Juntando gosto com gosto
Si é seu gosto é meu tambem.

(*Idem.*)

977.

Você diz que me quer bem
No cantinho de seu peito ;
E' mentira, não quer não,
Quem quer bem tem outro geito.

(*Ibidem.*)

978.

Vamos dar a despedida
Como deu a patativa ;
Adeus, coração de prata,
Perdição da minha vida !

(*Ibidem.*)

979.

Vinguei-me, matei Cupido,
Seu corpo ás feras lancei ;
Seus ministros templo, altar,
Destrui, desfiz, queimei.

(*Piauhy.*)

980.

Viola, minha viola,
Peito de jacarandá ;

O relogio de ciume
'Tá battendo tá tá tá.

(*Piauhy.*)

981.

Vancê que pita cigarro
Dá uma fumaça p'ra *eu* ;
Tenho fumo, tenho palha,
Minha faca se perdeu.

(*Minas.*)

982.

Vancê é *fio* do Juca,
Mas é *fio* do peccado;
Que morou e'uma maluca
Sem nunca se ter casado.

(*Idem.*)

983.

Vancê diz que amor não dóe,
Amor dóe no coração ;
Tenha lá amor ausente
P'r' 'ocê ver si dóe ou não.

(*Ibidem.*)

984.

Vou correndo, vou gritando
Me queixar á minha avó :
Comeram-me o beiço todo,
Deixaram-me a lingua só.

(*Ibidem.*)

985.

Vamos dar a despedida,
Viola desafinou :

Eu não sei si é da viola
Ou si foi do *toucadô*.

(*Minas*)

986.

Vamos dar a despedida
Como deu a saracura
Que se despediu cantando :
« O mal de amor não tem cura. »

(*Idem.*)

987.

Vou contar dos meus trabalhos
Para ver si sente ou não,
P'ra ver o que padeci
Nas viagens do sertão.

(*S. Paulo.*)

988.

Vem, ó noite, ó doce amiga
Do meu triste coração;
Só conversando comtigo
Encontro consolação.

989.

Vem, meu anjo, que eu nâo posso
Viver neste ermo sem ti;
Vem, meu anjo, si não vens
Cuidarei que te perdi.

990.

Vancê me chamou cachorro,
Eu não sou cachorro, não ;

Si eu mordi o seu pézinho
E' porque tinha razão.

(*Minas.*)

991.

Vamos dar a despedida
Como deu a saracura;
No virar da encruzilhada
Tomou fogo na cintura.

(*Idem.*)

992.

Vou-me embora, vou-me embora,
Vou-me embora... não vou, não.
Embora *que* eu vá m'embora
Meu coração não vae, não.

(*Ibidem.*)

993.

Vamos juntos para o campo,
Pastora do lindo rosto;
Teu olhar é um pyrilampo
Na treva do meu desgosto.

994.

Vão os regatos p' r' o rio
E vão os rios p' r' o mar.
O bem querer da minh' alma
Vae na tua desaguar.

(*Minas.*)

995.

Virgem Santo dos Remedios,
Que a todos remediais,
Nós que somos peccadores
Cada vez peccamos mais.

(*R. de Jan.*)

996.

Você diz que sabe muito,
Ha outros que sabem mais;
Ha outros que tiram pomba
Do laço que você faz.

(*Minas.*)

997.

Você diz que me quer bem,
Eu tambem 'stou te querendo;
Um bem se paga com outro,
Inda fico te devendo.

(*Idem.*)

998.

Vae o carro da bagagem
Carregado de ananaz;
A mulher que não tem homem
Vive sempre dando ais.

(*Bahia.*)

999.

Yayá, você quer morrer?
Si morrer, morramos juntos.
Eu quero ver como cabem
Numa cova dois defuntos.

1000.

Zombando peguei te amar,
Zombando amor te tomei,
Zombando tu me mataste,
Zombando morto fiquei.

(*Piauhy.*)

FIM

CATALOGO DAS EDIÇÕES

e principaes obras em deposito (*) da Livraria

F. BRIGUIET e Cia

Rua Sachet, 23 — Caixa postal 458

RIO DE JANEIRO

1916

ARTE MILITAR :

FLEURY DE BARROS (Tenente Coronel de Cavallaria). **A Cavallaria** em ligação com as outras armas. (1916). 1 vol. broch. (será posta a venda em Agosto 1916).

XAVIER DE OLIVEIRA (J.). (Capitão). — Artilharia de campanha. — **Goniometria do tiro indirecto**. (1913). 1 vol. com 37 fig. enc. . . . . 5$000

(*) GENERAL DYONISIO CERQUEIRA. — Reminiscencias da **Campanha do Paraguay** (1865-1870). 1 vol. broch. . . . . 10$000

DIREITO :

ALCORTA (AMANCIO). — **Las garantias constitucionales.** 1 vol. de 488 pag. broch. . . . . 12$000

(*) CARVALHO DE MENDONÇA (J.-XAXIER). — **Dos livros dos commerciantes.** 1 vol. enc. . . . . 15$000

— — **Das fallencias.** 2 vol. enc. . . . . 35$000

— — Tratado de **Direito commercial Brazileiro** (1910). 2 vol. de 353 e 528 pag. enc. . . . . 42$000

(*) CHAVES (Dr João). — **Sciencia penitenciaria**, 1 vol. de 400 pag. ènc. . . . . 10$000

GRACCHO CARDOSO (Dr Mauricio). — **Codigo Commercial Brasileiro** Annotações sobre Doutrina, Legislação e Jurisprudencia, comprehendendo as novas leis sobre *letra de cambio* e *fallencias*, seguido do Decreto nº 435 de 4 de Julho de 1891 regulamentando as *Sociedades Anonymas* (1916). 1 vol. de 476 pag. enc. . . 8$000

(*) LESSA (Dr Pedro), (Ministro do Supremo Tribunal). — **Dissertações e Polemicas**. 1 vol. de 360 pag. enc . . . . . 11$000

— — — **Philosophia do Direito**. 1 vol. de 392 pag. enc. 12$000

(*) MARSHALL (Traducção do Dr Americo Lobo). — **Decisões constitucionaes**. 1 vol. enc.. . . . . 13$000

RODRIGO OCTAVIO e P. DOM. VIANNA (Drs). — **Elementos de Direito Publico e Constitucional Brasileiro** (1913). 1 vol. de VIII-277 pag. enc. . . . . 5$000

(*) SARAIVA (Dezor José Antonio). — **A Cambial**. Estudo theorico e pratico do Decreto nº 2044 de 31 de Dezembro de 1908. 1 gr. vol. enc. . . . . 21$000

TAVARES BASTOS (Dr José). Juiz Federal. **Organisação Judiciaria Federal** ou Collecção de todas as leis, decretos, regulamentos, avisos, portarias, circulares, instrucções, decisões, etc., etc., sobre a Organisaçaõ Judiciaria Federal, *annotada*, de accôrdo *com a Jurisprudencia do Supremo Tribunal Federal* até a presente data (1913). 1 vol. de VIII-552 pag. cart. 9$000, encad. . . . . 10$000

— — — **A Policia Estadual** ante os **crimes federaes**. Seguido de um *Formulario Policial* para esses crimes (1913). 1 vol. de XX-232 pag. enc. . . . . 4$000

VIANNA (Dr P. Dom.). — **A Constituição Federal** e as **Constituições dos Estados**, commentadas, contendo o texto integral de todas as Constituições, com proemio do Dr Pedro Lessa. 2 vol. enc. 10$000

— (—) **Direito Criminal** (Lições de), segundo as Prelecções professadas pelo Dezor Lima Drummond, na Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro (1915). 2ª edição correcta de XVI-275 pag. enc.. . . . . 6$000

VON LISZT (Dr Franz). — Tratado de **Direito Penal Allemão**, trad. e comment. do Dr José Hygino Duarte Pereira. 2 vol. de 1146 pag. enc. . . . . 30$000

Em preparação :

Constituição Federal Brasileira. Commentarios por João Barbalho U. C. 2ª edição correcta e augmentada pelo autor (publicação posthuma). Revista e posta ao corrente da Jurisprudencia e Legislação pelo Dr Aurelino Leal (actual Chefe de Policia da Capital Federal). (O 1º volume d'esta obra importantissima, que constará de 3 gr. volumes, será posto a venda no começo de 1917).

Codigo Civil Brasileiro. — Texto e Commentarios pelo Senador João Luiz Alves. A obra compor-se há de : Um indice alphabetico analytico de todas as disposições do Codigo; do texto; das disposições do Projecto de Clovis Bevilaqua, e do Projecto approvado pela Camara dos Deputados; de um Commentario synthetico explicando as divergencias de redacção ou de doutrina entre o texto e estes projectos; de uma referencia ás disposições de alguns codigos (Francez, Italiano, Hespanhol, Allemão, Suisso, Argentino, Mexicano, etc.) similares (legislação comparada) ás do novo Codigo Brasileiro, e de uma introducção historica critica (*Será posto a venda no começo de 1917*).

ENGENHARIA :

BAPTISTA (Engº José Luiz), Chefe de Districto da Insp. Federal das Estradas de Ferro. — **Tabellas para o calculo do movimento de terra**. (1916). 1 peq. vol de 132 pag. . . . . 5$000

CIRNE MAIA (Engº Paulo). — Estradas de Ferro. **Obras d'arte e orçamentos**. 1 grande volume com figuras. . . . . 16$000

ENSINO-GEOGRAPHIA :

ABREU (A. Ferreira de), Professor de francez. — Aide mémoire des **Verbes français**. 1 vol. cart. . . . . 1$000

ALLAIN (Emile), Professor de francez. — Pequena **Grammatica franceza**. 1 vol. de 273 pag. cart. . . . . 3$000

CLAIRAUT. — **Elementos de Algebra**, trad. do Coronel X. de Villeroy. 1 vol. cart. . . . . 5$000

COMTE (Auguste). — Traité de **Géométrie analytique**, precedido da *Géométrie de Descartes*, e seguido da « Notice sur la place de ce traité dans la vie et l'œuvre d'Aug. Comte », par R. Teixeira Mendes, 1 vol enc. . . . . 8$000

Geographia-Atlas do Brazil e Geral (Cinco Partes do Mundo), com um importante prologo do Dr Francisco Cabrita. (Obra extrahida na parte do Brazil, do « *Grande Atlas do Brazil* », do Barão Homem de Mello), contendo 35 mappas primorosos, 172 illustrações, e 90 pag. de texto em 3 columnas. E' *a obra mais perfeita e mais barata* publicada até hoje no Brazil, para as escolas, pois dispensa a acquisição de um Atlas e de uma Geographia do Brazil, e de um Atlas e de uma Geographia das Cinco partes do Mundo; o que justifica seu grande successo de venda e adopção em muitas Escolas.

Forma 1 grande volume (formato de 0.28c×0.22c) do peso de 900 gr. cart. . . . . 5$000

GÓES (Carlos). — **Diccionario de Affixos**, desinencias e outros elementos de composição. (1913). 1 vol. de 319 pag. cart. . . 4$000

HOMEM DE MELLO (Barão) e Dr F. HOMEM DE MELLO. — Grande **Atlas do Brazil**, contendo 33 mappas em seis côres e 70 pag. de texto em duas columnas (formato 0.36c×0.30c). 1 vol. com solida encadernação de panno . . . . . 27$000

(E' a obra mais notavel que se tem publicado n'este genero).

Texto separado do Atlas do Brazil (verdadeiro compendio de Geographia physica. 1 vol. cart. . . . . 3$000

Aos compradores do Atlas offerecemos o « *Novo Mappa dos Estados Unidos do Brasil* ». (1916) que nossa casa acaba de publicar, em Paris (1m²). do preço de . . . . . 3$000

O mesmo « Mappa », collado, envernizado, e montado em paus. (escala 1/5.000.000) 1m10 × 1m . . . . . 8$000

Chamamos a attenção sobre o nosso « *Mappa do Brazil* », que apezar de seu modico preço contém cada Estado colorido, todas as cidades, villas e principaes povoações do Brazil, rios principaes, todas as estradas de ferro, distancias maritimas e fluviaes, etc. E' claro, nitido, impresso em bom papel, e contém alem do Mappa Geral : as

plantas da Capital Federal e da cidade de S. Paulo, o « Brazil Central » em maior escala, e um mappa dos « Fusos horarios ». (E' um Mappa indispensavel a todos os habitantes do Brazil.)

LITTERATURA E DIVERSOS :

ANNUNZIO (Gabriele d'). — Romances da Romã. **O Fogo**. 1 vol. de 400 pag. broch. . . . . 2$000

CORRÊA (José Augusto). — Paris-Luz. Paris-Trévas (Sim e Não). 1 vol de 325 pag. broch (1914) . . . . . 2$500

FREIRE (Laudelino). — **Pequena edição** dos **Sonetos Brasileiros**, extrahida dos « Sonetos Basileiros » contendo 105 retratos e 105 sonetos escolhidos. (1914). 1 vol. enc. . . . . 3$000

— — Collectanea (Seculo XVII-XX). **Sonetos Brasileiros**. *500 sonetos* e *481 retratos*, com noticia biographica de cada autor e bibliographia poetica. 1 bello volume (0.28c×0.19c) com elegante encadernação (1916). . . . . 15$000

— — A mesma obra em edição de luxo, com rica encadernação dourada (1916), impressa em forma de album. . . . . 20$000

Estas duas edições do peso respectivo de 1 k. 850 gr. e 2 k. 500 gr. : são pois alem de uma bellissima galeria litteraria e artistica de grande valor, dois lindos presentes por sua primorosa apresentação, dignos de figurar em todos os salões e todas as bibliothecas.

GÓES (Carlos). — **Mil quadras populares Brasileiras**. (1916), com uma capa artistica. 1 vol. de 246 pag. broch. (1916). . 2$000

GRAÇA ARANHA (da Academia Brasileira). — **Malazarte**, peça de theatro, obra d'arte e de luxo, illustrações de P. Montagny, contendo 12 quadros em côres e desenhos fóra do texto, impresso em papel simili-japão (0.25c×0.19c), ricas encadernações a 23$, 24$ e 25$000

(Pequena tiragem de 500 exempl. numerados, da qual possuimos poucos exemplares).

LIMA BARBOSA (Mario de). — **Ruy Barbosa** na Politica e na Historia (1849-1914) (1916), com uma heliogravura do biographado, 1 lindo volume de 420 pag. encad. à 7$. 8$, 9$ e . . . . 10$000

MARTINEAU (Miss H.). — **La Philosophie Positive** d'Auguste Comte. 2 vol. enc. . . . . 14$000

MEROU (D. Garcia). — **El Brasil intelectual.** 1 vol. broch. 8$000

Paulo BARRETO (da Academia Brasileira). — **A Bella Madame Vargas**, peça em 3 actos (o maior successo do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, na temporada 1912-1913). 1 vol. broch. . 3$000

PONTES DE MIRANDA. — **A Moral do Futuro** (1913). 1 vol. enc. . . . . 3$000

MEDICINA :

ALOYSIO DE CASTRO (Dr). — Professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. — Tractado de **Semiotica Nervosa.** Semiotica das formas exteriores e das desordens motoras, com 235 fig. no texto (1914). 1 bello volume de 506 pag. encad. . . . . 20$000

PEREIRA E MAIA (R. de). — **Pathologia e Clinica Odontologica**, prefacio do Dr A. Benicio de Sá. 1 vol. in-8o de 405 pag., com 52 photogravuras, encad. (1911). . . . . 10$000

— — — (em preparação) : **Metallurgia, Prothese e Mecanica dentaria.** com numerosas figuras pretas e coloridas.

ARNALDO QUINTELLA (Dr). — Docente livre de clinica obstetrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Membro da Academia de Medicina e Assistente da Maternidade das Laranjeiras. — Introducção ao estudo da Obstetricia, com 160 fig. (*será posta a venda no começo de 1917*).

Todas as nossas edições são remettidas, franco de porte

BESANÇON. — IMPRIMERIE JACQUES ET DEMONTROND